



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo

Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

VOLUME DE ANEXOS

Turismo de Surf na Capital da Onda

Ensaio Sobre a Sustentabilidade de uma Rota de Surf em Peniche

Tânia Filipa Ramos Cabeleira

Dezembro de 2011



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Tânia Filipa Ramos Cabeleira

VOLUME DE ANEXOS

Turismo de Surf na Capital da Onda Ensaio Sobre a Sustentabilidade de uma Rota de Surf em Peniche

Orientação do Professor Doutor Sancho Silva

Dezembro de 2011

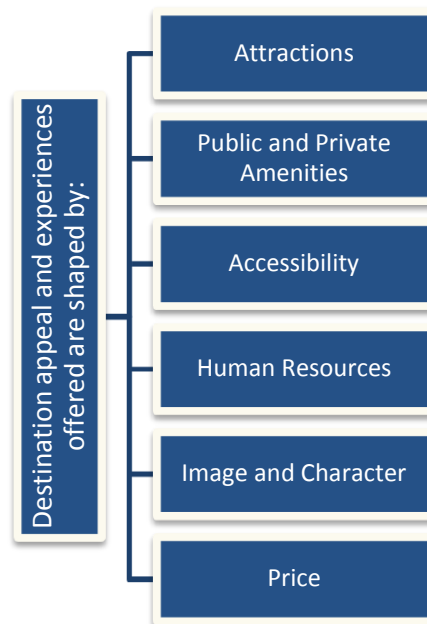
Capa: Rita Vaza

Índice de Volume de Anexos

Anexo I Elementos que Compõem as Experiências do Destinos	5
Anexo II Ciclo de Vida do Produto	6
Anexo III Surf Havaiano	7
Anexo IV Princípios de Sustentabilidade	8
Anexo V Guia de Surf - 2009	9
Anexo VI Guião do Inventário aos Spots de Surf em Peniche.....	10
Anexo VII Mapa do Município de Peniche - Sistema de Informação Geográfica.....	11
Anexo VIII Classificação das Variáveis.....	12
Anexo IX Modelo de Questionário - Versão Portuguesa	15
Anexo X Modelo de Questionário - Versão Inglesa.....	20
Anexo XI Recorte A Luta (Junho de 1977) "Surf: desporto que salva vidas em Portugal"	25
Anexo XII Cartaz 1º Campeonato de Surf e Registo Fotográfico do Evento	26
Anexo XIII Recorte Diário de Notícias (21 de Maio de 1977)	27
Anexo XIV Cartaz I Torneio Internacional de Surf A Luta (17 de Novembro de 1977)	28
Anexo XV Recorte A Luta: Entrevista a Bruce Palmer (reconhecimento do bom nível de surf português)	29
Anexo XVI Logótipo Surfing Club de Portugal.....	30
Anexo XVII Publicação da Constituição da Federação Portuguesa de Surf.....	31
Anexo XVIII Fotografia da Sede da Primeira Escola de Surf em Portugal - Guincho..	32
Anexo XIX "Surfando - Sonhando"	33
Anexo XX A Primeira Prancha do Baleal de "Zorba"	34
Anexo XXI O Início da Escola de Surf - Peniche	35
Anexo XXII 5 Hipóteses Base da Marca Peniche Capital da Onda.....	36

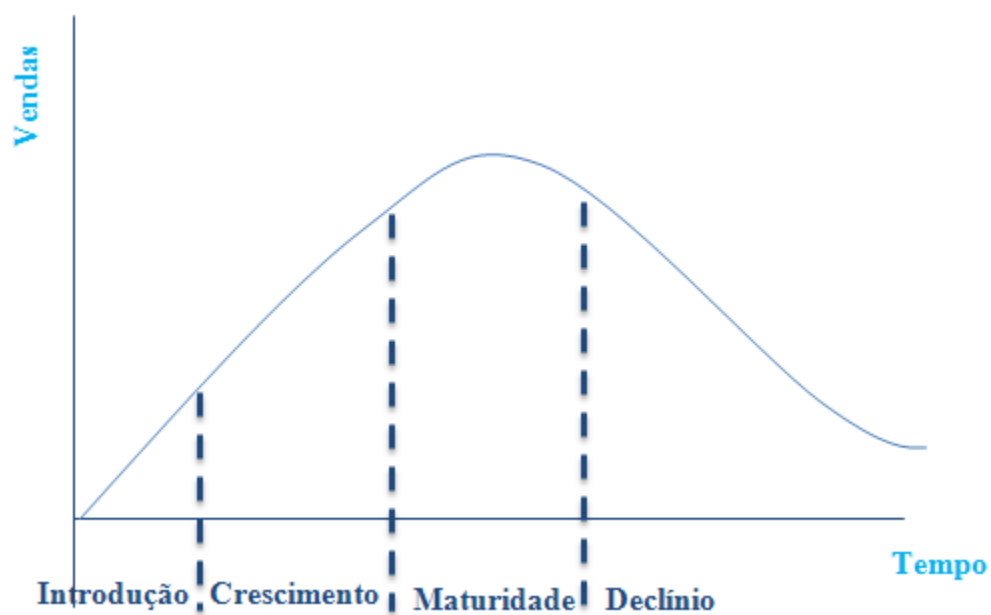
Anexo XXIII CAR Surf Peniche - Futuras Instalações	37
Anexo XXIV Aldeia do Surf - Estudo Preliminar.....	38
Anexo XXV Gráficos	40
Anexo XXVI Inventários.....	57
Anexo XXVII Entrevista a António Carneiro, Presidente da Região de Turismo do Oeste	70
Anexo XXVIII Entrevista a António José Correia, Presidente de Câmara de Peniche..	74
Anexo XXIX Entrevista a Pedro Lima, "O Primeiro Surfista Português"	80
Anexo XXX Entrevista a Pedro Bicudo, Presidente da Associação SOS	90
Anexo XXXI Factores Críticos de Sucesso.....	94

Anexo I Elementos que Compõem as Experiências do Destinos



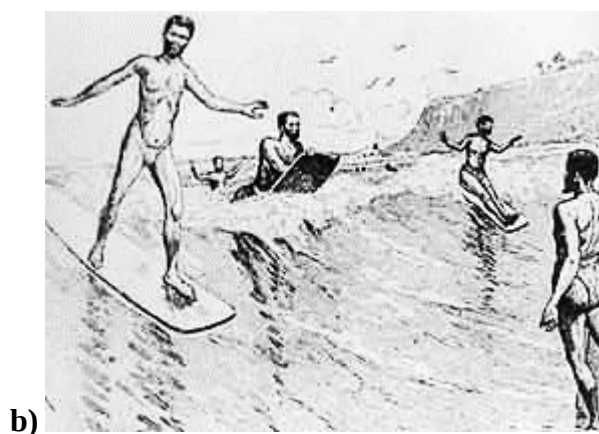
Fonte: OMT, 2007, p.1

Anexo II Ciclo de Vida do Produto



Fonte: Tocquer e Zins, 2004, p.2000

Anexo III Surf Havaiano



Fonte: Marcus, s.d.a, s.p. & Lopes, 2008b, p.55

Anexo IV Princípios de Sustentabilidade

- Políticas, planeamento e gestão são respostas essenciais para minimizar os impactes do turismo;
- Reconhecer de limites ao crescimento;
- Indispensável visão a longo prazo;
- Turismo sustentável tem mais do que implicações ambientais. Mas também, económicas, sociais, culturais, políticas e administrativas;
- A prioridade centra-se na equidade e na justiça.
- O envolvimento de todos os *stakeholders* nas tomadas de decisões e sensibilização para as questões do desenvolvimento sustentável;
- O sucesso depende da compreensão das economias de mercado, da gestão e das culturas empresariais, das organizações não-governamentais e dos valores e atitudes das comunidades locais;
- Conflitos de interesses na utilização de recursos podem requerer compensações comerciais e de compromisso;
- Análise custo / benefício deve incluir os custos e benefícios para todos os intervenientes do sistema turístico.

Fonte: Bramwell *et al.*, 1996 citado por Ponting, 2001, s.p.

Anexo V Guia de Surf - 2009



Fonte: Câmara Municipal de Peniche, 2009c, s.p.

Anexo VI Guião do Inventário aos *Spots* de Surf em Peniche

Nome do *Spot* de Surf

Tipo de onda: *point-break; beach break; reef break*

Qualidade da onda: 1 – 2 – 3 – 4 – 5

Direcção da onda: direita; esquerda; direita e esquerda

Nível de dificuldade: fácil; difícil; moderado

Nível de Surf: iniciado; intermédio; experiente; muito experiente

Frequência de funcionamento: pouco frequente; frequente; nada frequente

Dificuldade de acesso: fácil; difícil; moderado

Tamanho de ondulação: _____

Direcção da ondulação: N; S; E; O; NE; NO; SE; SO

Direcção do vento: N; S; E; O; NE; NO; SE; SO

Tipo de substrato: areia; rocha; coral

Crowd: 1 – 2 – 3 – 4 – 5

Perigos: _____

Comprimento da onda: curta; normal; longa

Melhor maré: baixa, média, alta, todas;

Infra-estruturas de apoio existentes: _____

Observações:

Anexo VII Mapa do Município de Peniche - Sistema de Informação Geográfica



Fonte: Elaboração própria

Anexo VIII Classificação das Variáveis

Secções	Variáveis	Codificação Questionário Português	Codificação Questionário Inglês	Tipo
I	Idade: variável analisada como quantitativa discreta e por categorias em SPSS como qualitativa ordinal.	1: < 15 2: 16 – 25 3: 26 – 35 4: 36 – 45 5: 46 – 55 6: 56 – 65 7: > 66		Qualitativa ordinal
	Género	1: Feminino 2: Masculino		Qualitativa dicotómica
	Profissão	1: empregado por conta de outrem 2: empresário 3: profissional liberal 4: estudante 5: Surfista profissional 6: Desempregado		Qualitativa ordinal
	Escolarização	1: 1º ciclo 2: 2º ciclo - ensino secundário 6: licenciatura 7: mestrado 8: doutoramento		Qualitativa ordinal
	Residência Portuguesa	1: sim 2: não		Qualitativa dicotómica
	Concelho de Residência	1: Peniche 2: Leiria 3: Torres Vedras 4: Lisboa 5: Vila Franca de Xira 6: Santarém 7: Sintra 8: Bombarral 9: Cascais		Qualitativa ordinal
	País de Residência		1: Suécia 2: Inglaterra 3: Áustria 4: Canadá 5: Espanha 6: Holanda 7: Noruega 8: Alemanha 9: França 10: Austrália	Qualitativa ordinal
II	Tempo de Prática de Surf: variável analisada como quantitativa discreta (meses) e por categorias em SPSS como qualitativa ordinal (anos).	1: <1 2: 2-5 3: 6 -10 4: 11 -15 5: 16-20 6: <21		Qualitativa ordinal
	Nível de Surf	1: Iniciante 2: Intermédio 3: Experiente		Qualitativa ordinal
	Tamanho das Ondas (m): variável analisada como quantitativa discreta e por categorias em SPSS como qualitativa ordinal.	1: <0,5 2: 0,6-1 3: 1,1-1,5 4: 1,6-2 5: 2,1-2,5 6: >2,6		Qualitativa ordinal

	Regularidade de Prática de Surf (nº de vezes que pratica surf por mês na época alta): variável analisada como quantitativa discreta e por categorias em SPSS como qualitativa ordinal.	1: <1 2: 2-10 3: 11-20 4: 21-30 5: 31-40 6: 41-50 7: >51	Qualitativa ordinal
	Local Preferido em Peniche	1: Supertubos 2: Baleal 3: Molhe Leste 4: Lagide 5: Cantinho da Baia 6: Papoa 7: Secret Spots 8: Cova da Alfarroba	Qualitativa ordinal
	Alojamento escolhido	1: Hotéis 2: Hotéis-apartamento 3: Pensões 4: Estalagens 5: Motéis 6: Pousadas 7: Aldeamentos Turísticos 8: Parques de Campismo 9: Turismo de Habitação 10: Turismo em Espaço Rural 11: Casas de Familiares e Amigos 12: Caravanismo 13: Alojamento Local 14: “Campismo Selvagem”	Qualitativa ordinal
III	Avaliação dos Pontos Fortes	1: Nada Importante 2: Pouco Importante 3: Importância Moderada 4: Importante 5: Muito Importante	Qualitativa ordinal
	Avaliação dos Pontos Fracos	1: Nada Importante 2: Pouco Importante 3: Importância Moderada 4: Importante 5: Muito Importante	Qualitativa ordinal
	Ordenação da Importância das Infra-estruturas de Apoio	1: o menos importante 8: o mais importante	Qualitativa ordinal
	Avaliação da Importância das Componentes de Destino Turístico	1: Nada Importante 2: Pouco Importante 3: Importância Moderada 4: Importante 5: Muito Importante	Qualitativa ordinal
VI	Reconhecimento da imagem identitária	1: Muito Mau 2: Mau 3: Razoável 4: Bom 5: Muito Bom	Qualitativa ordinal
	Importância dos eventos de surf	1: Muito Importante 2: Importante 3: Importância Moderada 4: Pouco Importante 5: Nada Importante	Qualitativa ordinal
V	Importância dos componentes de uma rota de surf	1: o mais importante 7: o menos importante	Qualitativa ordinal
	Afirmações: sustentabilidade da rota de surf	1: Concordo Plenamente 2: Concordo Parcialmente 3: Nem Concordo Nem Discordo 4: Não Concordo Muito 5: Em Desacordo Total	Qualitativa ordinal

Desenvolvimento do turismo de surf em Peniche	1: Maiores investimentos públicos em promoção e divulgação 2: Criar Infra-estruturas e condições mínimas para a utilização balnear (qualidade da água, limpeza das praias, segurança) 3: Mais investimento em eventos / campeonatos 4: Separar a praia por zonas (balar e surf) 5: Criar Rota de Surf 6: Surf incluído no desporto escolar 7: Já se encontra potencializado 8: Menos crowd 9: Não sei	Qualitativa ordinal
---	---	---------------------

Fonte: Elaboração própria

Anexo IX Modelo de Questionário - Versão Portuguesa**Estudo sobre o contributo de uma Rota de Surf para Peniche****RESPONDA APENAS SE FOR PRATICANTE DE SURF
(independentemente do seu nível de experiência)**

O presente questionário é da responsabilidade de Tânia Cabeleira, no âmbito do Mestrado de Turismo, ramo de Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. O seu contributo é importante para melhorar o desenvolvimento do surf em Peniche. Assim, solicito a sua melhor atenção e sinceridade na resposta às questões. De referir, o anonimato e a confidencialidade do questionário.

O questionário tem uma **duração máxima de 10 minutos**.

Muito obrigado pela sua cooperação!

I Características do respondente

1. Idade: _____

2. Género: (assinale com X).

Feminino ☐

Masculino ☐

3. Profissão: (assinale com X).

Profissão	X
Empregado por conta de outrem	
Empresário	
Profissional liberal	
Estudante	
Outra situação	
Qual: _____	

4. Escolarização: (assinale com X).

1º Ciclo (4º ano)	2º Ciclo (6º anos)	3º Ciclo (9º ano)	Ensino Secundário	Ensino Pós-Secundário	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento

5. Reside em Portugal? (Assinale com X).

Sim ☐

Não ☐

Se respondeu SIM, indique o concelho e não responda à pergunta 7. Se respondeu NÃO avance para a questão 7.

6. Se respondeu SIM: em que Concelho reside? _____

7. Se respondeu NÃO: qual o país de residência? _____

II Percorso do Surfista

1. Há quanto tempo pratica surf? _____

2. Qual o seu nível de surf? (Assinale com X).

Iniciante	Intermédio	Avançado
☐	☐	☐

3. Qual o tamanho de ondas que prefere para a prática de surf (metros)? _____

4. Em média, por mês, quantas vezes pratica surf em Peniche durante a época alta (de Junho a Setembro)? _____

5. Qual o seu local de surf preferido em Peniche? (Referira apenas um local).

6. Caso não resida em Peniche e tenha necessidade de pernoitar em Peniche por motivos de surf, que tipo de alojamento mais utiliza? (Escolha apenas um, assinalando com X). (Se for residente ou excursionista não se aplica, como tal não responda).

Alojamentos	Escolha <u>um</u> tipo de alojamento
Hotéis	☐
Hotéis-apartamento	☐
Pensões	☐
Estalagens	☐
Motéis	☐
Pousadas	☐
Aldeamentos Turísticos	☐
Parques de Campismo	☐
Turismo de Habitação	☐
Turismo em Espaço Rural	☐

Casas de Familiares e Amigos	
Outro: _____	

III Condições de Peniche para o Surf

1. Na sua opinião quais os principais pontos fortes de Peniche enquanto destino de surf? (Indique a importância de cada ponto sendo 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – importância moderada; 4 – importante; 5 – muito importante). (Assinale com X).

Pontos Fortes	1	2	3	4	5
Qualidade das ondas					
Variedade das Ondas					
Ondas com diferentes níveis de dificuldade					
Paisagem Natural					
Marca: Peniche Capital da Onda					
Centro de Alto Rendimento de Surf					
Realização de campeonatos de surf					
Boa relação Qualidade/Preço					
Boas acessibilidades					
Outros: _____					

2. Na sua opinião quais os principais pontos fracos de Peniche enquanto destino de surf? (Indique a importância de cada ponto sendo 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – importância moderada; 4 – importante; 5 – muito importante). (Assinale com X).

Pontos Fracos	1	2	3	4	5
Temperatura da água					
<i>Crowd</i>					
Massificação no Verão					
Carências de infra-estruturas de apoio todo o ano					
Oferta de alojamento insuficiente					
Fraca preservação do património natural					
Falta de planeamento urbanístico: indústria mal localizada					
Insegurança no destino (ex. roubos)					
Outros: _____					

3. **Enumere** os seguintes serviços/infra-estruturas de apoio para a prática de surf em Peniche, quanto à sua importância, por ordem crescente de 1 a 8, (sendo 1 o menos importante e 8 o mais importante).

Serviços e Infra-estruturas de Apoio	ENUMERE 1 - 8
Posto de Pronto Socorro	
Estacionamento	
Chuveiros	
Locais de descanso abrigados do sol e da chuva	
Pontos de recolha de lixo	
Restauração/ Zona de confecção de refeições	
Comércio de aluguer e venda de materiais	
Posto para guardar materiais e “coisas”	

4. Avalie a importância das seguintes componentes do destino turístico de surf Peniche. (Indique a importância de cada ponto sendo 1 – nada importante; 2 – pouco importante; 3 – importância moderada; 4 – importante; 5 – muito importante). (Assinale com X).

Componentes de Destino Turístico de Surf - Peniche	1	2	3	4	5
Qualidade do alojamento					
Qualidade da gastronomia					
Relação qualidade preço					
Hospitalidade					
Segurança no destino					
Acessibilidades					
Qualidade ambiental					
Ausência de <i>Crowd</i>					
Cultura local					
Duração da temporada de surf					
<i>Secret Spots</i>					
Diversidade de actividades disponíveis					

IV Imagem e Promoção de Peniche

1. Como avalia o reconhecimento da imagem de marca Peniche Capital da Onda? (Assinale com X).

Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom

2. Qual a importância que atribui aos eventos de surf para o reconhecimento nacional e internacional de Peniche? (Assinale com X).

Muito Importante	Importante	Importância Moderada	Pouco Importante	Nada Importante
☐	☐	☐	☐	☐

V Rota de Surf em Peniche

1. **Enumere** segundo a importância dos seguintes componentes de uma Rota de Surf. (Utilize numeração por ordem crescente de 1 a 7, sendo 1 o menos importante e 7 o mais importante).

Componentes de uma Rota de Surf	ENUMERE 1 - 7
Sinalização/Sinalética	
Infra-estruturas de apoio a implementar	
Plano de comunicação e imagem da rota	
Afixação de <i>boas práticas</i> no surf	
Actividades complementares (animação turística; activ. desportivas)	
Criar pacotes turísticos dentro da rota que incluam: onde ficar; onde comer; onde se divertir.	
Acções de sensibilização para a sustentabilidade no turismo de surf	

2. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? (Assinale com um X).

Na sua opinião...	Concordo Plenamente	Concordo Parcialmente	Nem Concordo Nem Discordo	Não Concordo Muito	Em Desacordo Total
... uma Rota de Surf pode contribuir para o desenvolvimento sustentável de Peniche enquanto destino turístico.	☐	☐	☐	☐	☐
... uma Rota de Surf pode ser uma boa forma de dar visibilidade nacional e internacional a Peniche.	☐	☐	☐	☐	☐
... Peniche reúne condições (serviços, infra-estruturas, recursos, mercado) para a criação de uma rota de surf.	☐	☐	☐	☐	☐
... o surf deve ser um produto estratégico para a oferta turística de Peniche.	☐	☐	☐	☐	☐
... os surfistas tendem a ser respeitantes do meio ambiente.	☐	☐	☐	☐	☐

3. Na sua opinião o que poderia potenciar o desenvolvimento do turismo de surf em Peniche?

Anexo X Modelo de Questionário - Versão Inglesa**Study about the Contribution of a Surf Route in Peniche****ANSWER ONLY IF YOU ARE A SURFER****(regardless your level of experience)**

This questionnaire was developed by Tânia Cabeleira for the Master Degree in Tourism, specialization on Strategic Management of Tourism Destinations, in Escola Superior de Hotelaria e Turismo Estoril. Your contribute is very important to improve the development of surf in Peniche. Thus, your sincerity in answering this questionnaire is very important as well as your best attention to it. The questionnaire is anonymous and confidential.

It takes **10 minutes** maximum to complete.

Thank you very much for your cooperation!

I Respondent Characteristics

1. Age: _____

2. Gender: (X)

Female ☐

Male ☐

3. Employment: (X)

Employment	X
Employee	☐
Entrepreneur	☐
Liberal professional	☐
Student	☐
Another Situation Which: _____	☐

4. Level of Education: (X)

Primary School	Middle School	High School	Graduate Degree	Master Degree	PhD
☐	☐	☐	☐	☐	☐

5. Do you live in Portugal? (X)

Yes ☐

No ☐

If you answered YES, indicate the municipality and don't answer question 7. If you answered NO go to question 7.

6. If you answered YES: in which Municipality? _____

7. If you answered NO: in what Country do you live? _____

II Surfer Path

1. How long do you surf? _____

2. What is your surfing level? (X)

Beginner	Intermediate	Advanced
☐	☐	☐

3. What's the size of waves that you prefer to surf (meters)? _____

4. On average, per month, how often do you surf in Peniche during the high season (June to September)? _____

5. What is your favorite surf spot in Peniche? (Mention only one spot).

6. If you don't live in Peniche and you need to stay for surfing reasons, what is the type of accommodation which you use most (choose only one option)? (If you are a resident or an excursionist don't answer). (X)

Accommodation	Choose only <u>one</u> option
Hotels	☐
Aparthotels	☐
Pensions	☐
Inns	☐
Motels	☐
Hostels and Backpackers	☐
Tourist Villages	☐
Camping Park	☐
Guest Houses	☐
Rural Tourism	☐

Visiting Friends and Relatives	
Other: _____	

III Surf Conditions in Peniche

1. In your opinion, what are the main strengths of Peniche as a surf destination? (Indicate the importance of each topic: 1 – very unimportant; 2 – unimportant; 3 – moderately important; 4 – important; 5 – very important). (X)

Strengths	1	2	3	4	5
Wave quality					
Wave variety					
Waves with different levels of difficulty					
Natural landscape					
Brand: Peniche, The Wave Capital					
High Performance Centre for Surf					
Surfing Events and Championships					
Value for money					
Good accessibilities					
Other: _____					

2. In your opinion, what are the main weaknesses of Peniche as a surf destination? (Indicate the importance of each topic: 1 – very unimportant; 2 – unimportant; 3 – moderately important; 4 – important; 5 – very important). (X)

Weaknesses	1	2	3	4	5
Water temperature					
Crowd					
Summer massification of tourists					
Lack of support infrastructures on the beaches during all year					
Insufficient supply of accommodation					
Insufficient preservation of natural heritage					
Lack of urban planning; inadequate location of the industry					
Insecurity at the destination (ex. robberies)					
Others: _____					

3. **List** the following services / support infrastructure to surf in Peniche, according to its importance, in ascending order from 1 to 8, (1 the least important and 8 the most important).

Services and Support Infrastructures	Listing 1 - 8
First-Aid Points	
Parking	
Showers	
Resting areas sheltered from sun and rain	
Garbage collection points	
Restaurants / Areas to prepare meals	
Rent and sale of surf equipment	
Place to store equipment and “stuff”	

4. Evaluate the importance of the following components of Peniche as a surf destination. (Indicate the importance of each topic: 1 – very unimportant; 2 – unimportant; 3 – moderately important; 4 – important; 5 – very important). (X)

Components of a Surf Destination - Peniche	1	2	3	4	5
Quality of accommodation					
Quality of gastronomy					
Value for money					
Hospitality					
Security at the destination					
Accessibilities					
Quality of natural environment					
Lack of Crowd					
Local culture					
Time of local surf season					
Secret Spots					
Range of activities available					

IV Image and Promotion of Peniche

1. How do you evaluate the recognition of the brand: Peniche, the Capital Wave? (X)

Very Poor	Poor	Acceptable	Good	Very Good

2. How do you assess the contribution of surfing events for the national and international recognition of Peniche? (X)

Very Important	Important	Moderately important	Unimportant	Very unimportant

V Surf Route in Peniche

1. **List** the following components of a surf route, according to its importance, in ascending order from 1 to 7, (1 the least important and 7 the most important).

Components of a Surf Route	Listing 1 - 7
Signalization/Signaling	
Support infrastructures to implement	
Marketing Plan	
Implementation of good practices in surf	
Complementary Activities (tourist entertainment; sports activities...)	
Create tour packages including: where to stay; where to eat; where to have fun.	
Raising awareness of sustainability in surf tourism	

2. What is the level of agreement with the following statements? (X)

In your Opinion...	Strongly Agree	Agree	Undecided	Disagree	Strongly Disagree
... a Surf Route can contribute to sustainable development in Peniche as a surf destination.					
...a Surf Route can contribute to increase national and international visibility of Peniche.					
... Peniche has all the conditions (services, infrastructures, resources, market) to create a Surf Route.					
... surf should be a strategic product to tourism in Peniche.					
... Surfers tend to be environmental responsible.					

3. In your opinion, what can improve the development of surf tourism in Peniche?

Anexo XI Recorte A Luta (Junho de 1977) "Surf: desporto que salva vidas em Portugal"

desporto

«Surf»: desporto que salva vidas quer ter vida em Portugal

"O 'surf' é uma das maneiras mais eficientes de salvamento no mundo. Na Austrália todos os salvamentos se fazem por 'surf', que permite em segundos pôr um sinistrado em terra. Em Portugal, habituados como estamos a viver com as costas viradas para o mar, sem coragem para o enfrentarmos ou imaginação para o vivermos, temos muitas vidas perdidas todos os anos nas praias. No entanto, temos alguns 'surfistas' que,

Vieram à nossa redacção, para falarem de 'surf', para o divulgarem, para tornarem público os projectos que querem ver construídos com a ajuda de todos os que estiverem interessados em se lhes juntarem. Eram o João Luís Rocha (campeão nacional de seniores), o Paulo Esteves (terceiro classifi-

cado no Campeonato Nacional de juvenis) e o Mário Castanheira (quinto no 'nacional' de juvenis). Tratava-se na verdade da divulgação do 'surf' e foram-nos respondendo, ácuo que na nossa ignorância perguntámos: — 'Surf', o que é isso em Portugal. Uma boa imagem para um 'sketch' publicitário, não?

conhecedores dos benefícios da modalidade como desporto ou como meio de salvamento, pretendem que o 'surf' venha a ser um desporto de prática regular entre nós. O objectivo é criar um clube que coordene a nível nacional os diversos núcleos já existentes" — estas as opiniões de João Luís Rocha, campeão nacional senior de 'surf', nadador salvador voluntário, nas horas vagas de estudante.

— Nada disso. Na fase actual é uma actividade desportiva para uns cerca de 150 interessados que mantêm núcleos em actividades nas praias de Peniche (Saleal), Carcavelos, Figueira (Norte e Sul), Nazaré, Aveiro, Caparica, Ericeira e, ainda, num ou noutro ponto do Algarve. A culminar este interesse tive-

mos este ano, pela primeira vez, os Campeonatos Nacionais que se disputaram com a presença de uns 60 'surfistas' nas categorias de juvenis, juniores e seniores.

— Mas, como começou o 'surf' em Portugal? Por pura curiosidade ou porque houve alguém que o importasse doutras praias e doutros mares?

— Em primeiro lugar há 'surf' em Portugal porque temos excelentes condições de clima e de fundos e os ventos também são, em certas alturas do ano, ideais. Daí que muitos especialistas mundiais (australianos e ingleses) se deslocam até Portugal, entre Setembro e Novembro, para continuarem os seus treinos para as diversas competições internacionais que se disputam, entre elas o Campeonato Europeu e do Mundo.

Muitos de nós, que já temos o bichinho do 'surf' no corpo, iniciámo-nos com esses estrangeiros que, depois, ao regressarem, nos venderam as pranchas e os fatos de borracha por uma bagatela. Este foi o nosso princípio que serviu para ampliar o número de praticantes da modalidade, que se encontram actualmente inscritos na Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas.

— Mas que desporto é o 'surf'? Que prazer dá? Quem o pode praticar? É caro ou barato?

— O 'surf' é um desporto fácil para todas as idades, os únicos requisitos que exige é



João Luís Rocha, Paulo Esteves e Mário Castanheira falando de «surf»

que os candidatos a praticantes saibam nadar e queiram tirar partido do prazer que o mar lhes pode oferecer. A sua prática exige sobretudo persistência, para quem nele se inicia. Às vezes é muito fácil para uns, outras torna-se mais difícil. Como é um desporto feito sobre a água, vivendo da beleza que o movimento sobre ela cria, são condições necessárias que o praticante seja destro e tenha facilidade de equilíbrio. Mas tudo isto são coisas acessíveis à maioria das pessoas, com maior ou menor dificuldade, mas conseguem-se.

Para praticar 'surf' é necessário sobretudo que haja praias em condições, com ondas de fraca rebentação, fundos suaves e ventos pouco agressivos, o que em Portugal é fácil demais encontrar, bastando só a vontade.

O material necessário para a prática — uma prancha e um fato de borracha — pode ir até a uns 20 contos, mas também não é absolutamente necessário a compra do fato de borracha, pois quem pensa praticar só nos meses quentes pode-o fazer só com uma prancha, que pode custar, quando nova, aí uns três contos.

— Bem, quais são então os vossos projectos para a divulgação do 'surf' entre nós?

— Nós entendemos que o 'surf' é uma actividade necessária nas praias de Portugal, não só por ser um desporto de lazer ou de competição como poderá ser um ef-

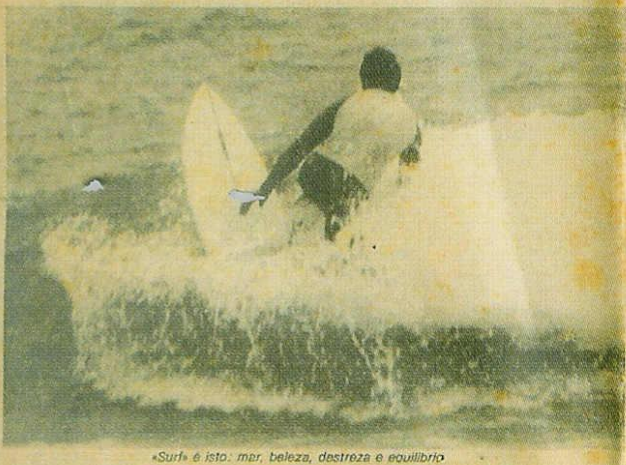
ciente meio de salvamento, muito usado actualmente nas orlas de muitos diversos países. Por exemplo, podemos citar a Austrália onde todos os salvamentos se fazem através do 'surf'. Daí que nós consideramos que as entidades competentes também devessem ter uma palavra a dizer na divulgação da modalidade.

Para já, pretendemos a fundação dum clube nacional que sirva para agrupar todos os núcleos já existentes, para melhorar os conhecimentos dos actuais praticantes através do fomento dum intercâmbio entre os núcleos, e para organizar provas. Temos em mente organizar em Setembro de 78, no nosso país, o Campeonato da Europa de 'surf'. Uma organização que não só será muito útil para a dinamização dos 'surfistas' portugueses como, igualmente, servirá para propagandear as nossas condições climáticas e as nossas praias.

★ ★

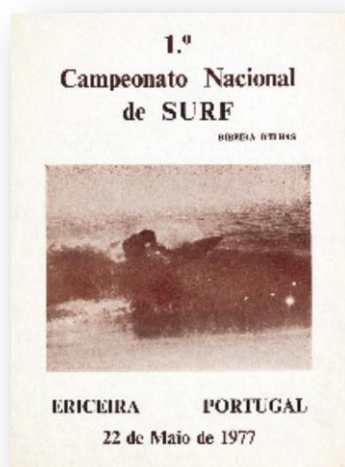
Aqui fica, portanto, a divulgação, ainda que sucinta, do que é o 'surf' em Portugal, da sua situação actual e dos seus objectivos futuros. Já agora, para si leitor, se está em férias sugerimos-lhe: caso veja um 'surfista' não se envergonhe, pergunte-lhe como é, e depois pode-nos contar se valeu a pena.

ILÍDIO TRINDADE



«Surf» é isto: mar, beleza, destreza e equilíbrio

Anexo XII Cartaz 1º Campeonato de Surf e Registo Fotográfico do Evento



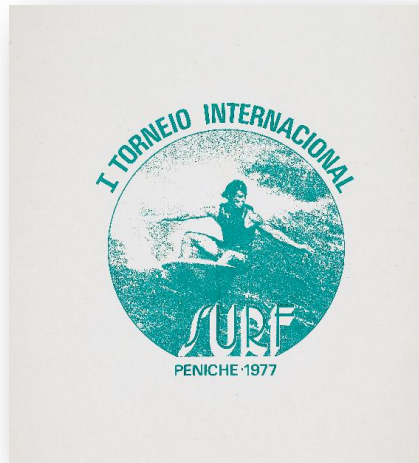
Fonte: Rocha, 2008, p.180-182

Anexo XIII Recorte Diário de Notícias (21 de Maio de 1977)



Fonte: Rocha, 2008, p.180

Anexo XIV Cartaz I Torneio Internacional de Surf A Luta (17 de Novembro de 1977)



12

a Luta

17 de Novembro de 1977

desporto

«Surf» em Peniche com campeões americanos e australianos

- Onde se fala do torneio do próximo domingo das excelentes ondas da nossa costa e da necessidade de estaleiros nacionais

Realiza-se no próximo domingo, a partir das 9 horas, o I Torneio Internacional de Peniche, no qual estarão presentes cerca de 70 surfistas, entre os quais alguns campeões americanos e australianos, entre os quais o campeão da Europa de 1976, Bruce Palmer, actual treinador da equipa inglesa.

O torneio será disputado em três categorias (juvenis — até 17 anos; juniores — até 21 anos; seniores) e, no final, será atribuído o título absoluto, através de uma prova entre os três primeiros de cada categoria.

Sobre o torneio em particular e sobre o "surf" em geral ouvimos João Morais Rocha, um dos seus organizadores, praticante e responsável destacado da modalidade:

— Este torneio aparece como consequência do apoio que a Direcção-Geral de Turismo tem dado à modalidade. Contamos ainda com o contributo da Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas e da Comissão de Turismo de Peniche.

"Nesta época do ano, as ondas costumam ser grandes e daí que, se as condições climáticas forem favoráveis, contemos com um excelente espectáculo. Julgo pois que quem quiser aproveitar bem o fim-de-semana não se arrependerá certamente de ir a Peniche.

Aíás, o parque de campismo encontra-se aberto, gratuitamente, para atletas e acompanhantes.

Como é que explica a afluência de tantos surfistas estrangeiros a Portugal, e, ao mesmo tempo, o grande interesse que, ultimamente, a nossa juventude tem manifestado pela modalidade?

— Na Europa, a costa portuguesa é aquela que, sem dúvida, melhores condições oferece para a prática da modalidade, sobretudo de Setembro a Junho, o que não quer dizer que, nos restantes meses, a Norte do Tejo, não existam condições razoáveis. Daí a afluência de estrangeiros.

"No que se refere à aceitação da juventude portuguesa,

veja-a como coisa normal dada a espectacularidade, emoção e desafio que o "surf" proporciona. A modalidade começou a ser praticada mais acentuadamente nas praias de Carcavelos, na linha do Estoril, apesar de já existirem núcleos como o da Figueira da Foz e Peniche. Não deixa porém de ser um facto que foi depois do I Campeonato Nacional, realizado em Maio de 1977, que se deu um desenvolvimento acelerado, provocado pela coordenação de esforços dos diferentes núcleos e, consequentemente, da propagação que daí advém.

"Ora a qualidade do "surf" que pode ser praticado entre nós é de tal forma excelente que serão as nossas próprias ondas a impor que o "surf"

nunca pare.

— É a prática do "surf" acessível do ponto de vista económico?

— Para quem queira praticar ao longo dos meses quentes, o material reduz-se a uma prancha de fibra que custa cerca de quatro contos. Apesar de, em algumas circunstâncias, poder custar menos, não é acessível à maior parte da população, ainda que não haja necessidade de despesas posteriores.

"Quem queira entrar na água durante todo o ano, terá que adquirir ainda um fato próprio de borracha, cujo preço é variável consoante a qualidade."

— Já foi encaráda a possibilidade da autoconstrução das pranchas ou a sua cons-

trução em estaleiros nacionais?

— A produção de uma prancha é de tipo manufacturado e, em princípio, as pranchas são diferentes consoante as características do surfista e do mar onde ele quer entrar. Posso no entanto assegurar que é possível a construção interna de pranchas, reduzindo o seu preço para a ordem dos dois contos, se bem que o material de que actualmente dispomos seja de fraca qualidade, o que

dificulta a prática correcta da modalidade.

"Quanto à autoconstrução, ela não é impossível, ainda que seja difícil, já que a construção duma prancha exige uma certa arte e ciência, as quais estão "vedadas" à grande maioria das pessoas. E no entanto de não deixar passar em branco a ideia de que será, a curto prazo, indispensável a construção de pranchas que a nível nacional queira a nível de futuros clubes a serem criados."

"Surf" — Uma modalidade em expansão. Domingo, em Peniche, um novo passo em frente, com a presença de grandes especialistas internacionais. Uma oportunidade para um bom fim-de-semana.

RAUL CALDEIRA



"Surf": uma modalidade em expansão. Da possibilidade de divulgação da autoconstrução dependerá muito a sua acessibilidade a novos praticantes

Anexo XV Recorte A Luta: Entrevista a Bruce Palmer (reconhecimento do bom nível de surf português)

Bruce Palmer, campeão da Europa de «surf»:

Portugal poderá atingir as finais dos «Europeus»

Portugal poderá e deverá, dentro de três ou quatro anos, estar na final do Campeonato da Europa de "surf" — afirmou-nos Bruce Palmer, australiano, actual treinador e capitão da equipa inglesa e a figura número um do "surf" na Europa, com oito participações

nas finais europeias e três vitórias nos três últimos anos. Bruce, com quem mantivemos curta troca de opiniões, é amador como surfista e treinador, mas vive da construção de pranchas de "surf", consideradas em Inglaterra das de melhor qualidade e procura.

— Estou impressionado com o que tenho visto, com o grau de entusiasmo e nível técnico dos surfistas portugueses e estou em crer que dentro de três ou quatro anos Portugal poderá e deverá estar na final do Campeonato da Europa.

— Estarão estas possibilidades relacionadas com as boas condições naturais para a prática da modalidade?

— Sim. As condições em Portugal são idênticas às existentes na Califórnia. As praias, as ondas e a temperatura da água são melhores que em Inglaterra. Ora se a Inglaterra é campeã da Europa... Portanto, não há desculpa para o "surf" em Portugal não evoluir.

(Acreditamos nós, agora, mas em Portugal as pranchas são caras e isso não ajuda. E são caras porque são importadas, enquanto na Inglaterra e na Austrália, por exemplo, os clubes têm os seus próprios estaleiros, o que facilita bastante o acesso, uma vez que os preços baixam substancialmente).

O "SURF" EM INGLATERRA

Quisemos saber como está

estruturado o "surf" em Inglaterra:

— Desde que estou em Inglaterra que notei ser o "surf" um desporto integrado no meio inglês, sendo pois naturais os

associados. Os clubes têm em si cerca de metade dos surfistas existentes em Inglaterra. Os restantes são individuais. Como organização que coordena a actividade dos clubes e dos in-

divíduos ou no estrangeiro.

— Será o "surf", em Inglaterra, um desporto acessível do ponto de vista económico?

— Sim. O "surf" é um desporto acessível, se bem que o material necessário custe, em dinheiro português, qualquer coisa como dez mil escudos. No entanto, este material tem longa duração e o resto — praias e ondas — é grátis. Daí o haver já vários milhares de surfistas em Inglaterra e o seu número não parar de crescer.

"SURF" FEMININO

— "Surf"-desporto para mulheres? Responde a companheira de Bruce Palmer:

— Na minha opinião, o "surf" não é muito próprio para mulheres. Exige força e grande resistência física. No entanto, é uma modalidade de tal maneira sensacional que as primeiras dificuldades quase podem ser esquecidas e actualmente já existem muitas surfistas e até campeonatos mundiais femininos.

RAUL CALDEIRA JR.



Bruce Palmer no seu estaleiro em Croyde (Inglaterra), juntamente com João Luís Morais Rocha (à direita), actual campeão nacional de seniores

seus desenvolvimento e divulgação. Quanto à estrutura organizativa, ela é composta por cerca de 150 clubes, dos quais se destacam cinco grandes, qualquer deles com mais de mil

individuais há uma Federação Nacional que segura os surfistas, organiza os campeonatos, dá apoio técnico e participa, em parte ou por inteiro, nas deslocações para campeonatos, no

Anexo XVI Logótipo Surfing Club de Portugal



Fonte: Rocha, 2008, p.114

Anexo XVII Publicação da Constituição da Federação Portuguesa de Surf

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE SURF

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 14 de Março de 1989, lavrada de fl. 94 a fl. 95 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 156-E do 4.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado José Maria Martins Soares, foi constituída uma associação sem fins lucrativos, denominada Federação Portuguesa de Surf, com sede na Avenida do Almirante Reis, 18, 3.º, esquerdo, freguesia dos Anjos, e tem uma duração indeterminada.

O objecto da Federação é o seguinte:

Promover, regulamentar e dirigir a prática do *surf* e modalidades afins em Portugal;

Agrupar todas as pessoas físicas e colectivas, sem fins lucrativos, de alguma forma interessados na promoção deste desporto, com vista a uma direcção para a prática correcta do mesmo;

Representar os interesses da Federação, dos seus sócios e do *surf* em geral, perante as autoridades políticas e desportivas, nacionais e internacionais.

Os órgãos sociais da Federação Portuguesa de Surf são os seguintes: assembleia geral, direcção, conselho fiscal e conselho disciplinar.

A mesa da assembleia geral é composta por um presidente, um vice-presidente e um secretário.

Ao presidente da mesa da assembleia geral, ou, na falta ou impedimento, ao vice-presidente compete a convocação das reuniões da assembleia geral, a orientação, direcção e disciplina dos respectivos trabalhos e a organização e assinatura, com os secretários, das respectivas actas.

A direcção da Federação é composta por um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro e dois vogais, eleitos pela assembleia geral de entre os sócios individuais da Federação.

A Federação obriga-se com a assinatura de dois membros da direcção, ou com a assinatura de qualquer mandatário ou procurador, nas condições e limites estabelecidos no respectivo mandato ou delegações de poderes.

O conselho fiscal é composto por um presidente e dois vogais.

O conselho disciplinar será constituído por um presidente e dois vogais, todos obrigatoriamente sócios da Federação.

Está conforme com o original.

4.º Cartório Notarial de Lisboa, 3 de Abril de 1989. — A Escriturária Superior, *Manuela Brito*.
1-0-11 242

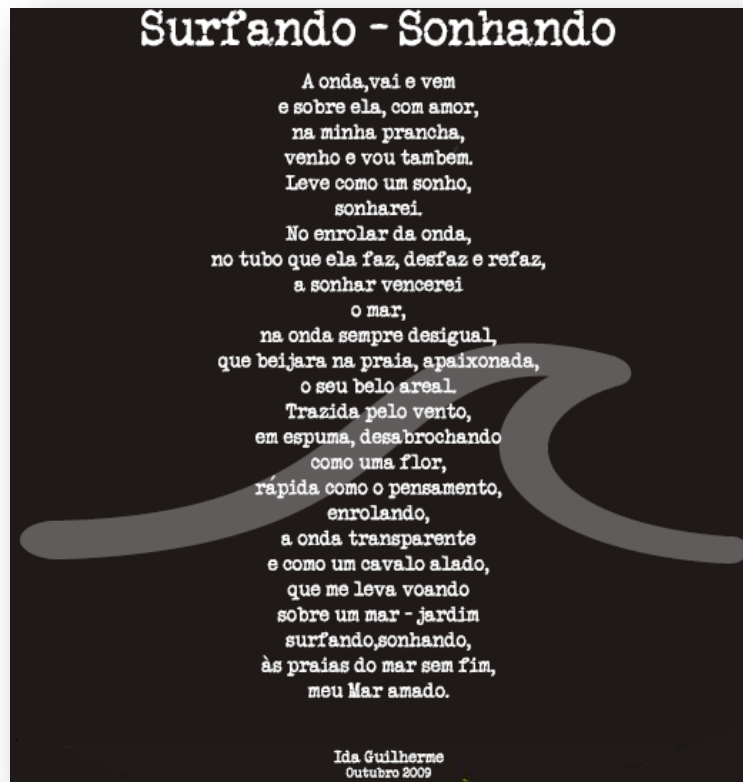
Fonte: Rocha, 2008, p.231

**Anexo XVIII Fotografia da Sede da Primeira Escola de Surf em Portugal -
Guincho**



Fonte: Rocha, 2008, p.206

Anexo XIX "Surfando - Sonhando"



Fonte: Câmara Municipal de Peniche, 2009a, s.p.

Anexo XX A Primeira Prancha do Baleal de "Zorba"



Fonte: Rocha, 2008, p.59

Anexo XXI O Início da Escola de Surf - Peniche



Fonte: Rocha, 2008, p.74

Anexo XXII 5 Hipóteses Base da Marca Peniche Capital da Onda

1	Peniche é destino de ondas por excelência	• Peniche é regularmente referenciado como um excelente destino de surf na Europa • Tem uma grande variedade de tipos de onda incluindo uma de classe mundial • É um dos destinos Europeus onde a probabilidade de conseguir boas condições (importante para os viajantes) é maior
2	O turismo internacional de surf e as escolas são os segmentos mais rentável	• Peniche é o principal destino em Portugal, e na Europa, do turismo de surf • Os turistas internacionais e os alunos de surf têm das estadias mais longas, têm elevado poder aquisitivo, têm uma maior possibilidade de ficarem leais ao 1º destino, têm necessidade de comprar ou alugar material • O surf profissional é menos rentável no curto prazo mas o seu desenvolvimento é crítico para consolidar Peniche como destino de alto nível
3	Os utilizadores de ondas são sensíveis a questões ambientais e de sustentabilidade	• O surf e outros desportos de deslize são desportos de baixo impacto ambiental e os seus praticantes por norma respeitadores do entorno ambiental • Assim, na escolha dos destinos é-lhes importante que o local tenha elevados níveis de respeito ambiental e ecológico
4	O Surf é uma indústria com elevado potencial para município	• O surf é uma indústria de rápido crescimento que vem roubando quota de mercado a outros desportos (como o de neve) e atrai uma grande variedade de segmentos • Em várias regiões no mundo o poder local está a apostar no surf como ferramenta de desenvolvimento económico para a região (Newquay, Califórnia, Costa Rica etc) • Portugal em geral e Peniche em particular estão unicamente posicionados para conseguir tirar o máximo partido desta oportunidade
5	Para atrair estes segmentos a marca tem de se consolidar	• Apesar de poucos destinos em Portugal e Europa estarem a apostar no desenvolvimento de marcas para os destinos, a Austrália, EUA, África Sul fazem-no agressivamente • “Peniche - Capital da onda” é já uma marca mas tem de ser consolidada de forma a distanciar-se de outros destinos e captar os segmentos identificados como rentáveis

Fonte: SPC, 2008, p.32

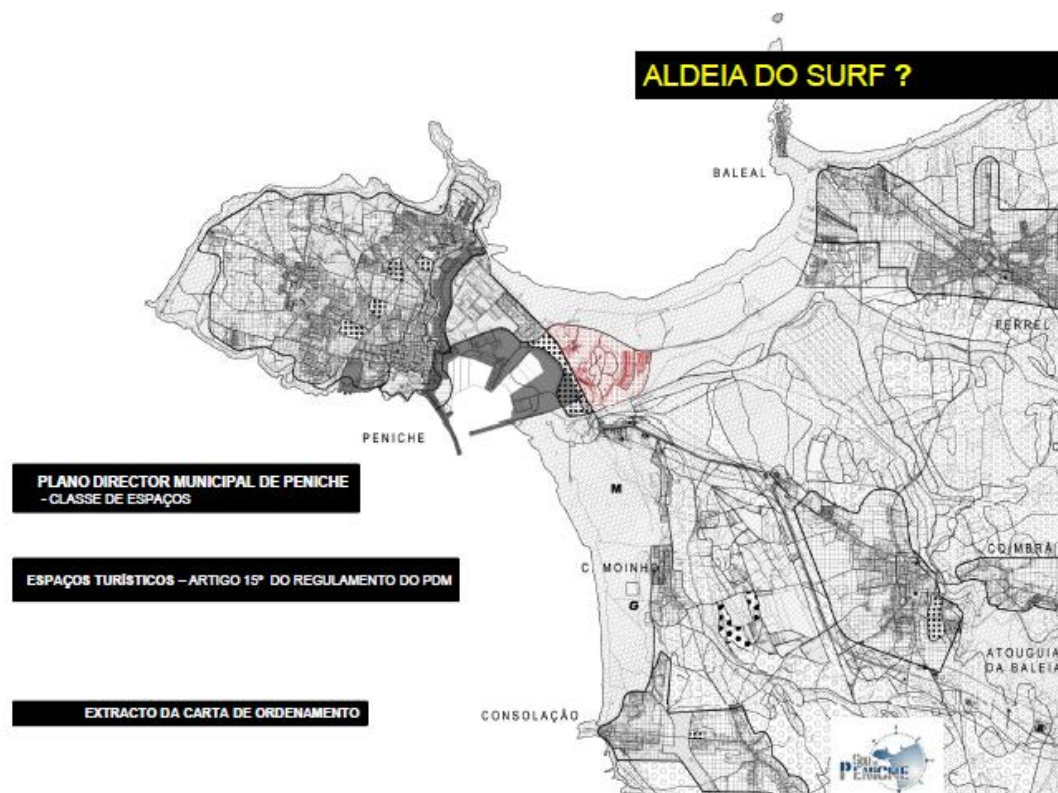
Anexo XXIII CAR Surf Peniche - Futuras Instalações

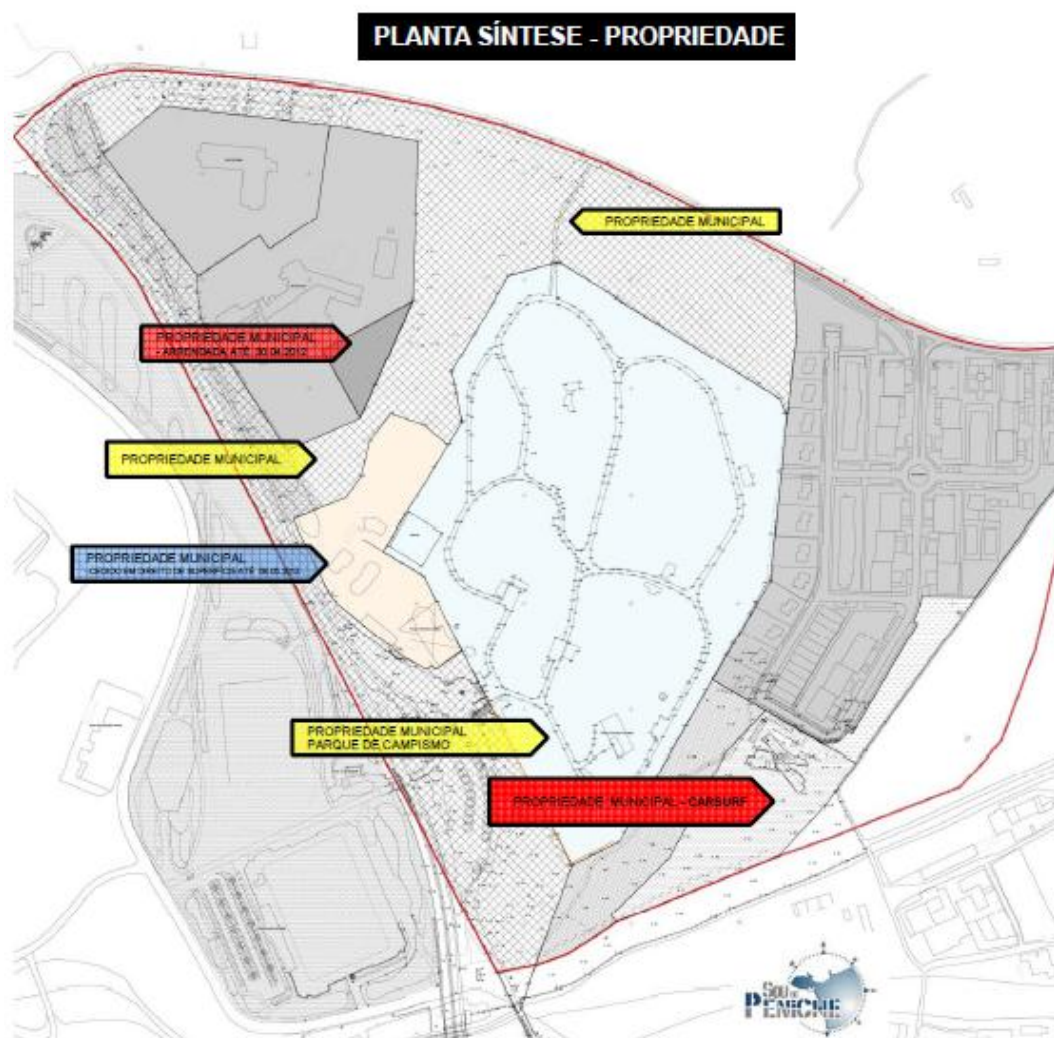


Fonte: Câmara Municipal de Peniche, 2009b, s.p. & Câmara Municipal de Peniche, s.d.,

p.9

Anexo XXIV Aldeia do Surf - Estudo Preliminar

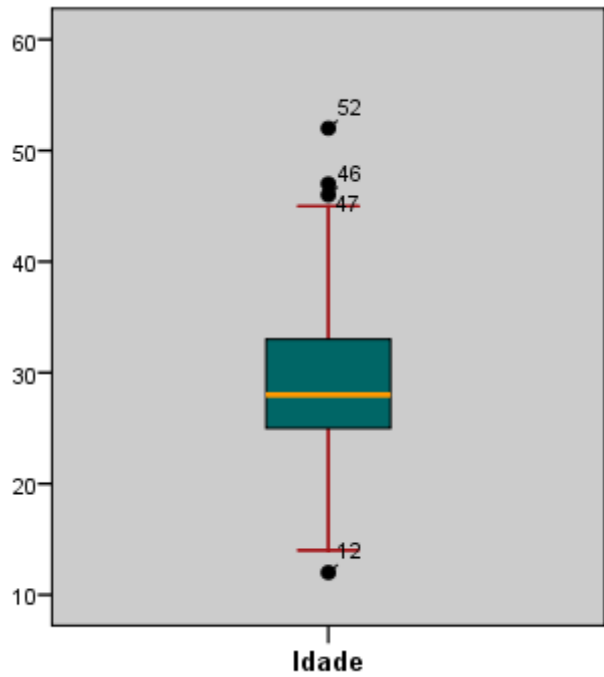




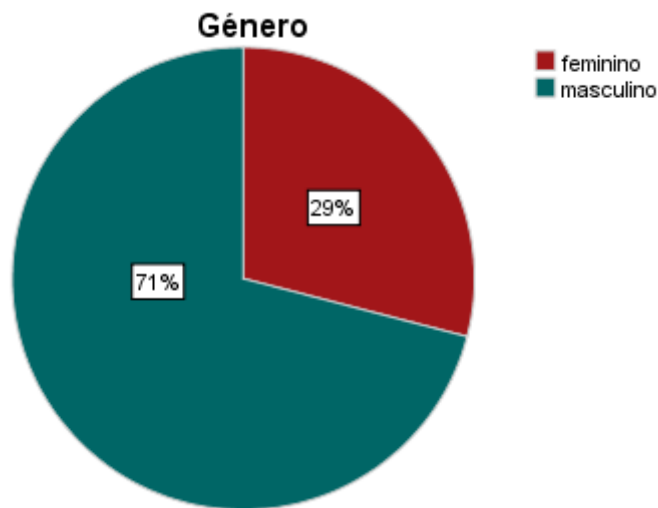
Fonte: Câmara Municipal de Peniche, s.d., p.3 & 4

Anexo XXV Gráficos

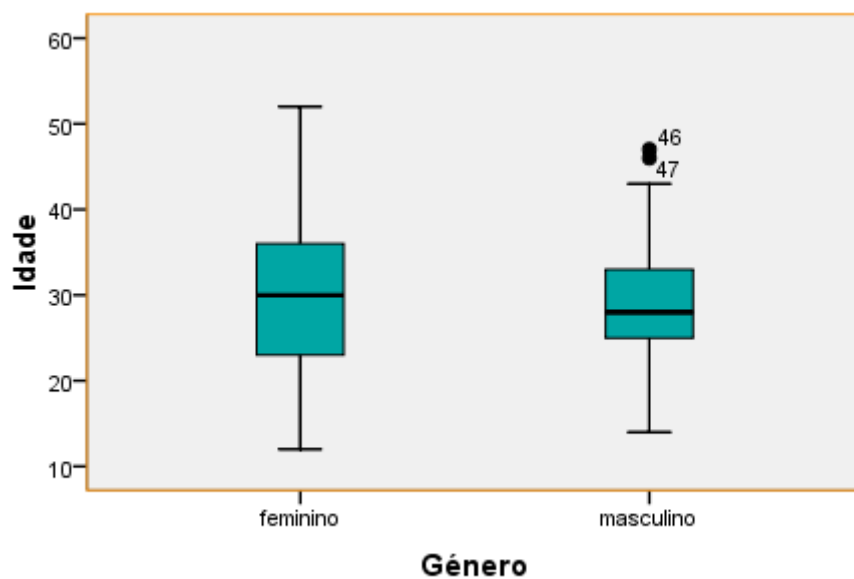
Gráficos 1. Idade



Gráficos 2. Género



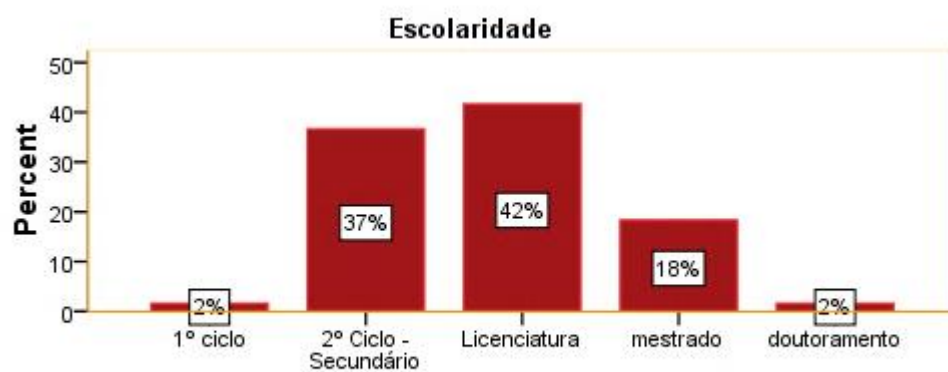
Gráficos 3. Idade – Género



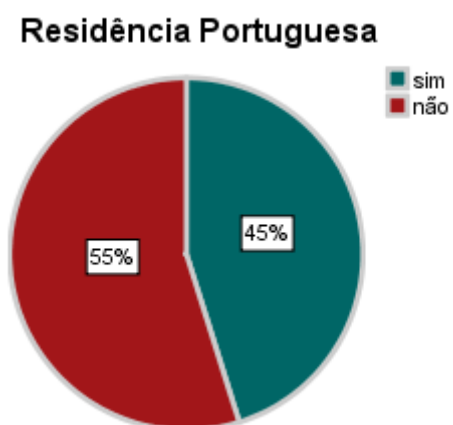
Gráficos 4. Situação Profissional



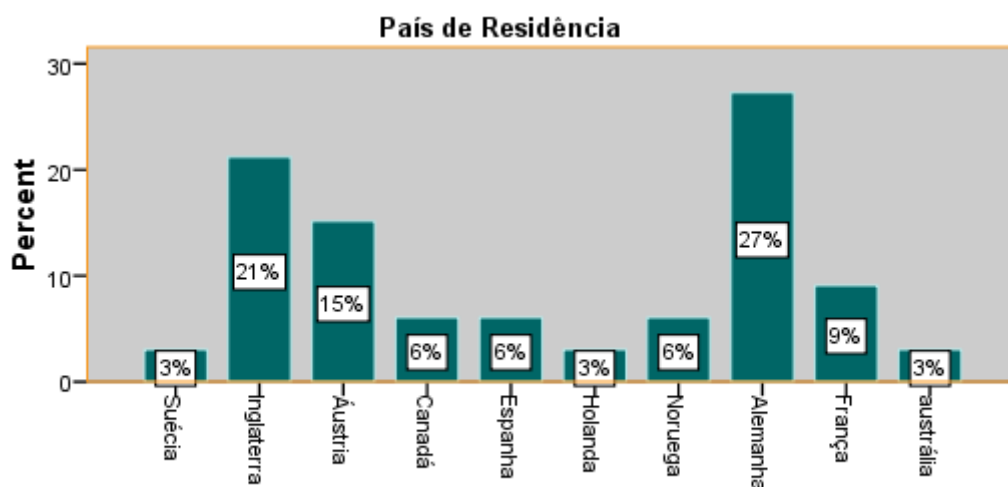
Gráficos 5. Escolaridade



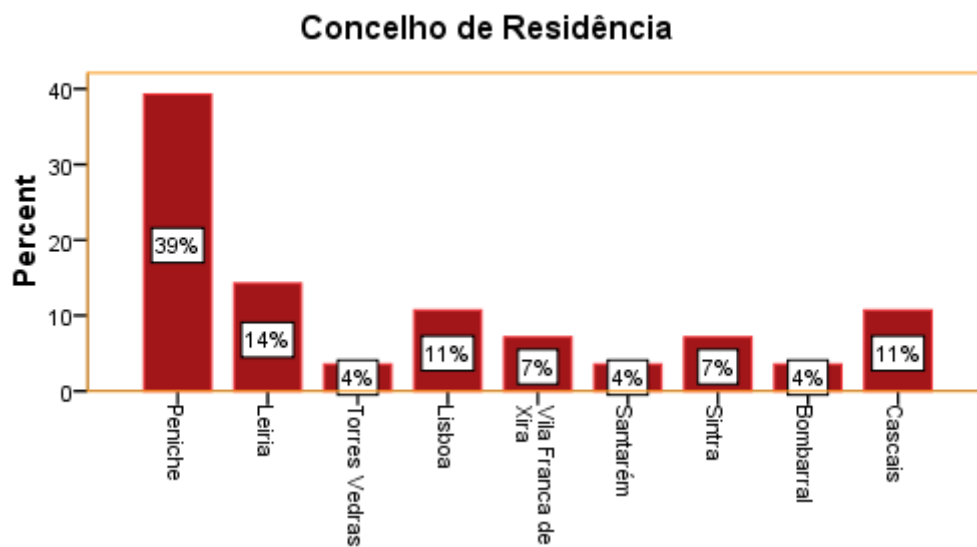
Gráficos 6. Residência Portuguesa



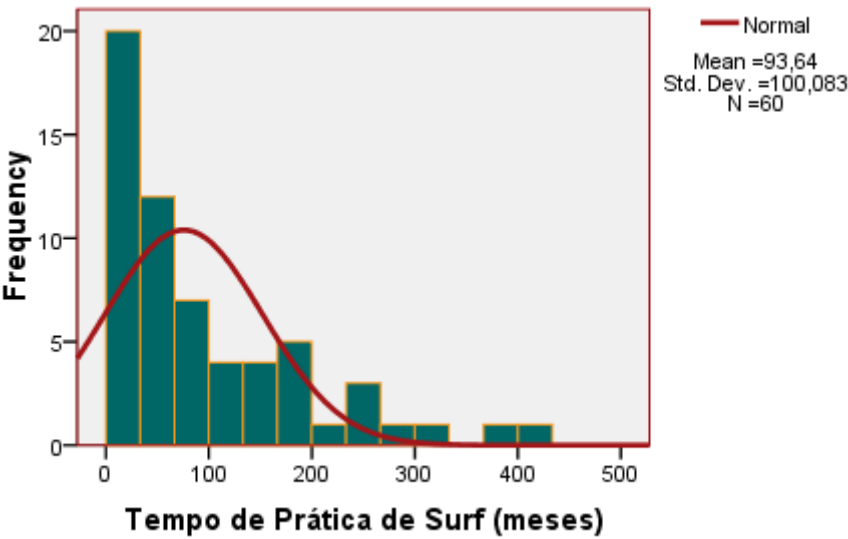
Gráficos 7. País de Residência



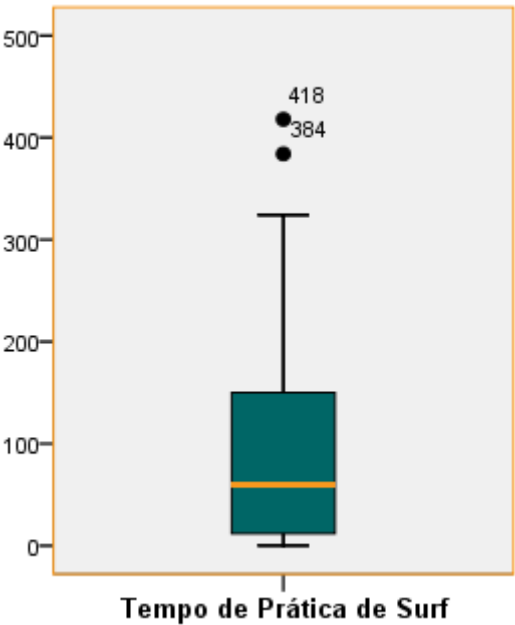
Gráficos 8. Concelho de Residência



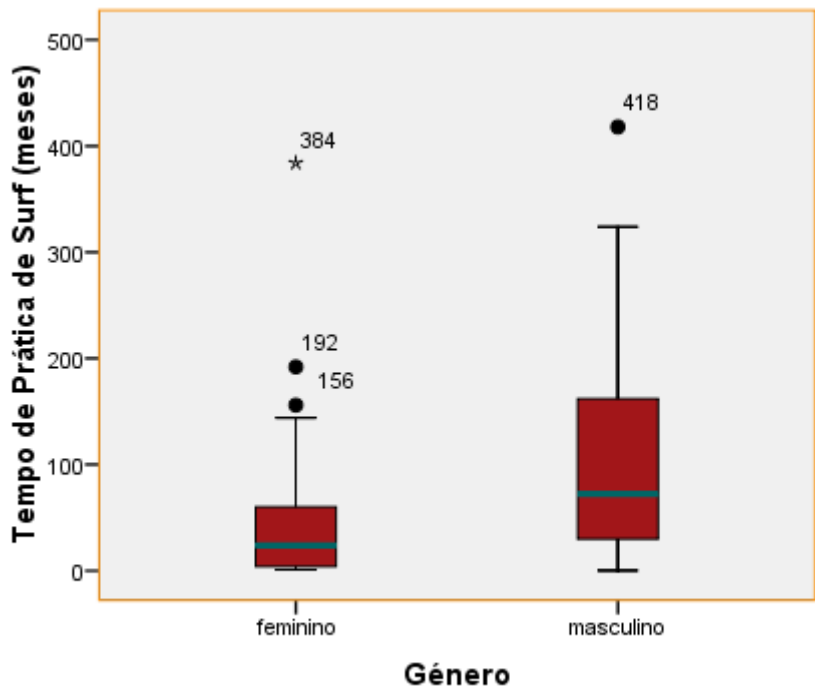
Gráficos 9. Tempo de Prática de Surf - Meses



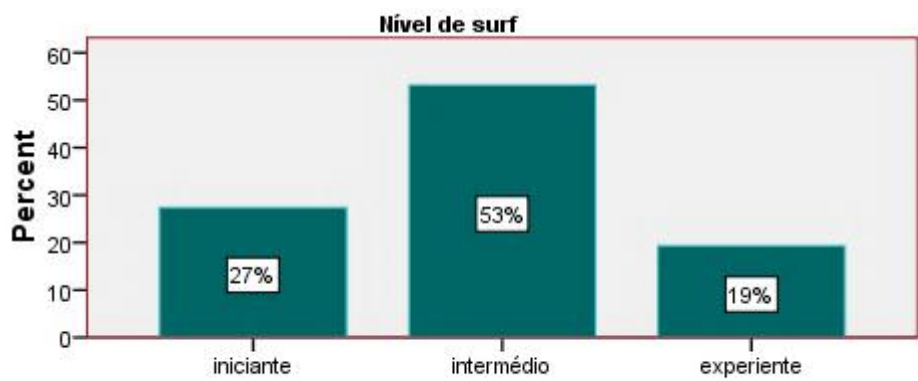
Gráficos 10. Tempo de Prática de Surf (Box-plot)



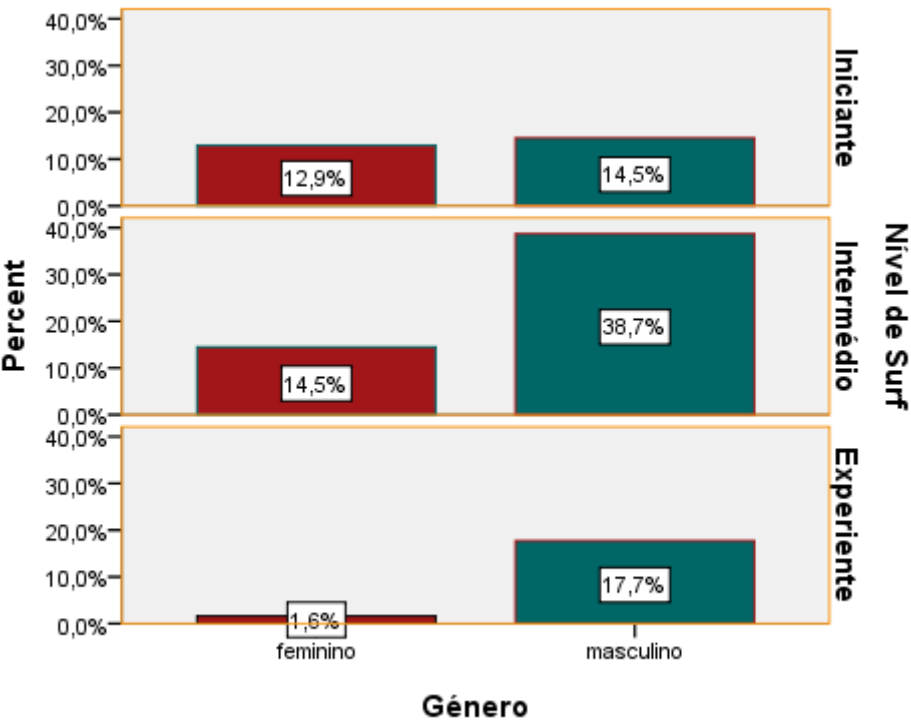
Gráficos 11. Tempo de Prática de Surf – Género



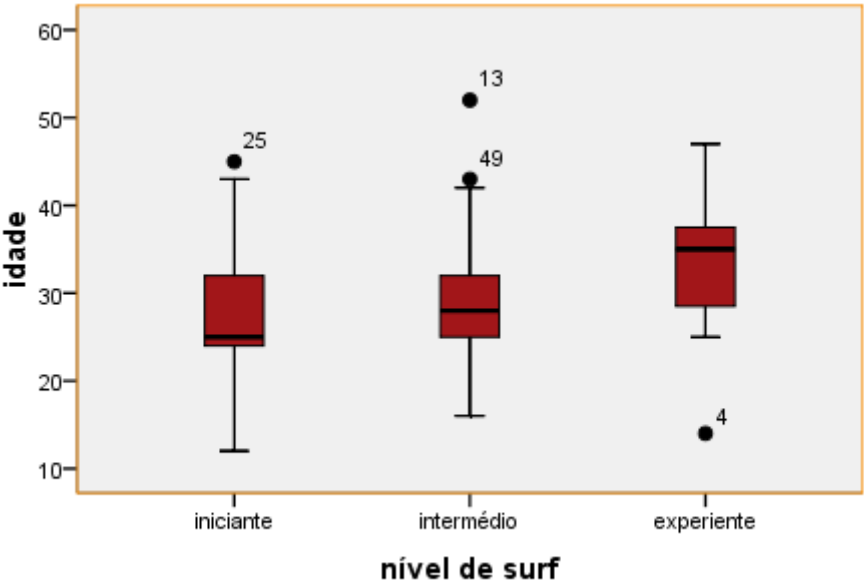
Gráficos 12. Nível de Surf



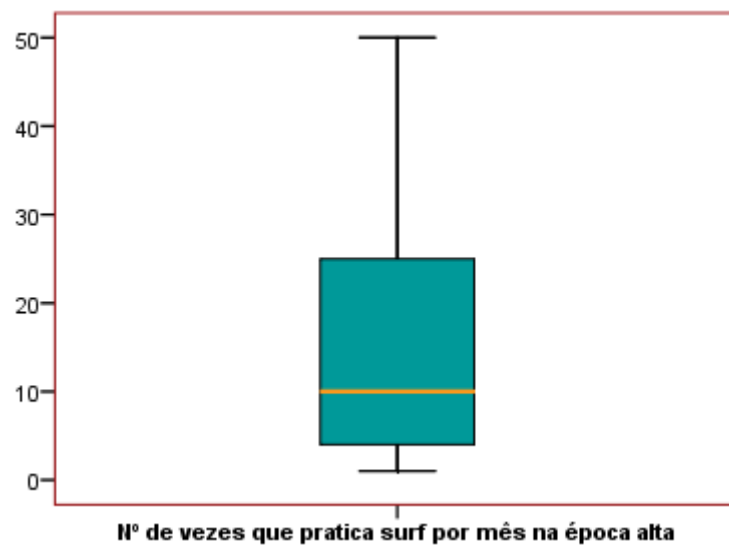
Gráficos 13. Nível de Surf – Género



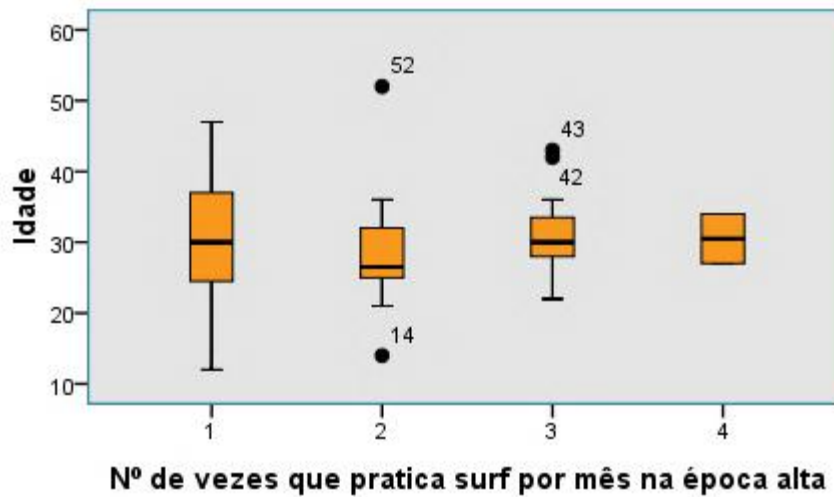
Gráficos 14. Idade – Nível de Surf



Gráficos 15. N° de vezes que pratica surf por mês na época alta



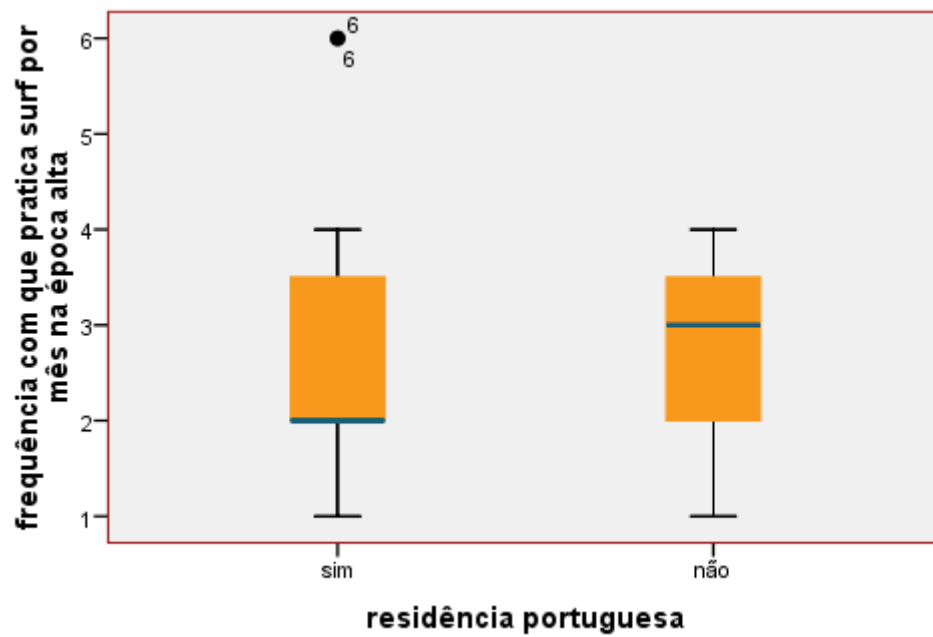
Gráficos 16. Idade – N° de vezes que pratica surf



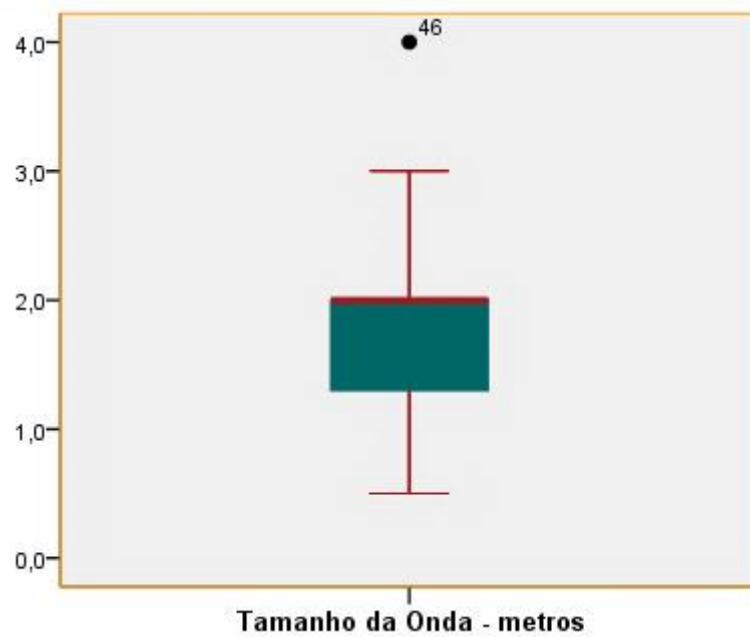
Legenda:

- 1- 1 vez
- 2- 2 – 10 vezes
- 3- 11 – 20 vezes
- 4- 21 – 30 vezes

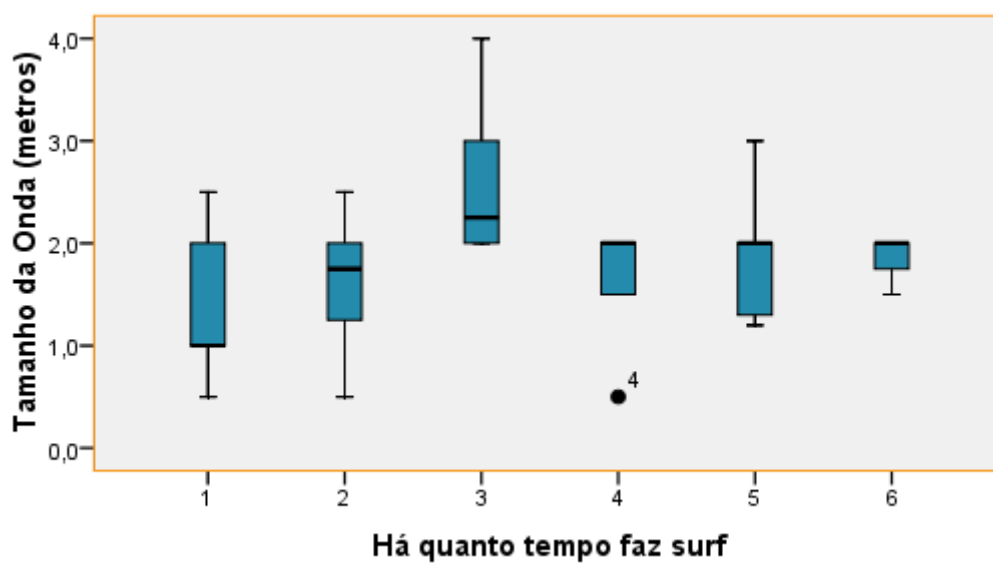
Gráficos 17. N° de vezes que pratica surf – Residência Portuguesa



Gráficos 18. Tamanho da Onda



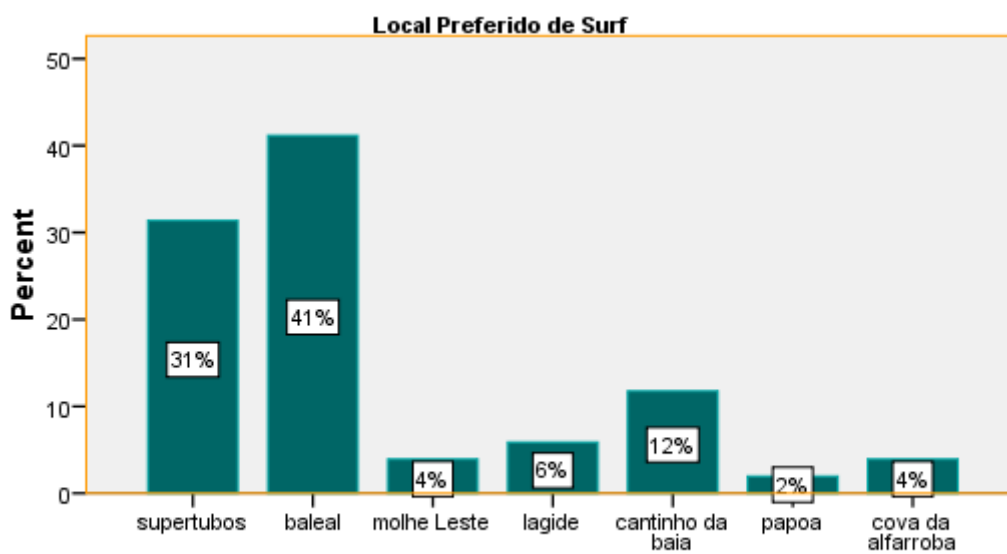
Gráficos 19. Tamanho da Onda – Tempo de prática de surf



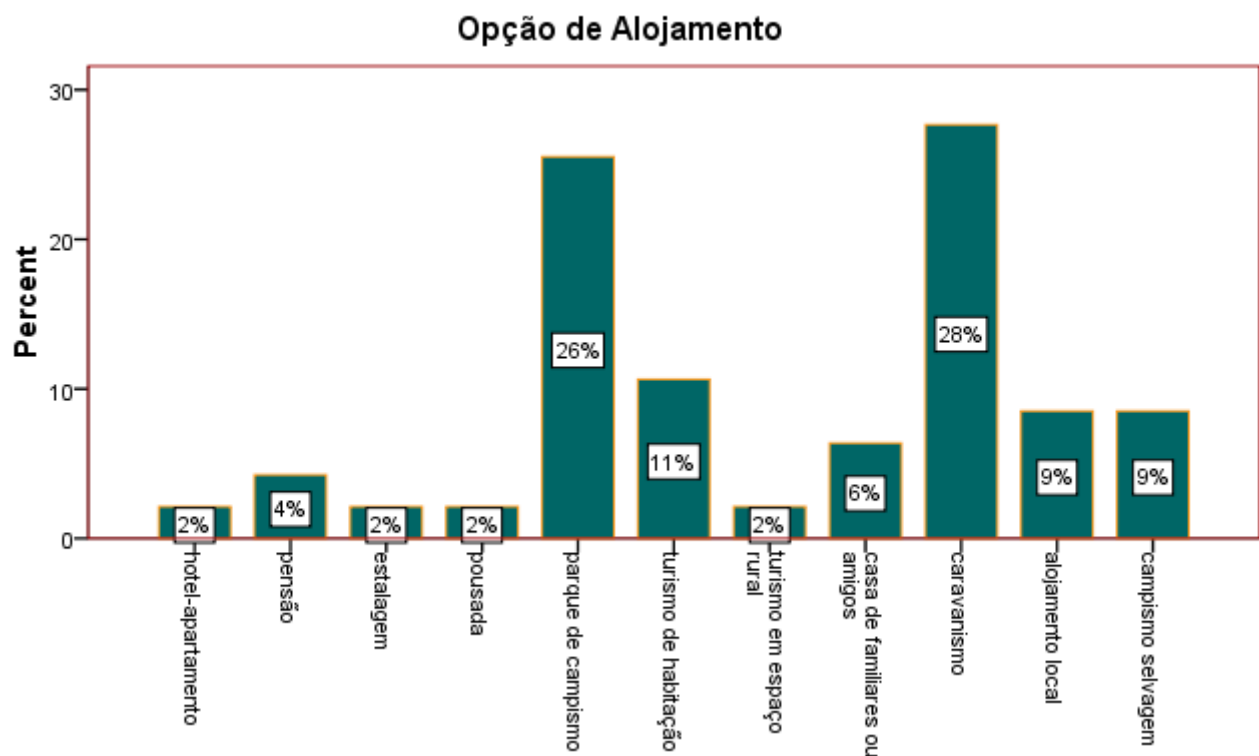
Legenda:

1- <1	3- 6 – 10	6- >21
2- 2 – 5	4- 11 – 15	
	5- 16 – 20	

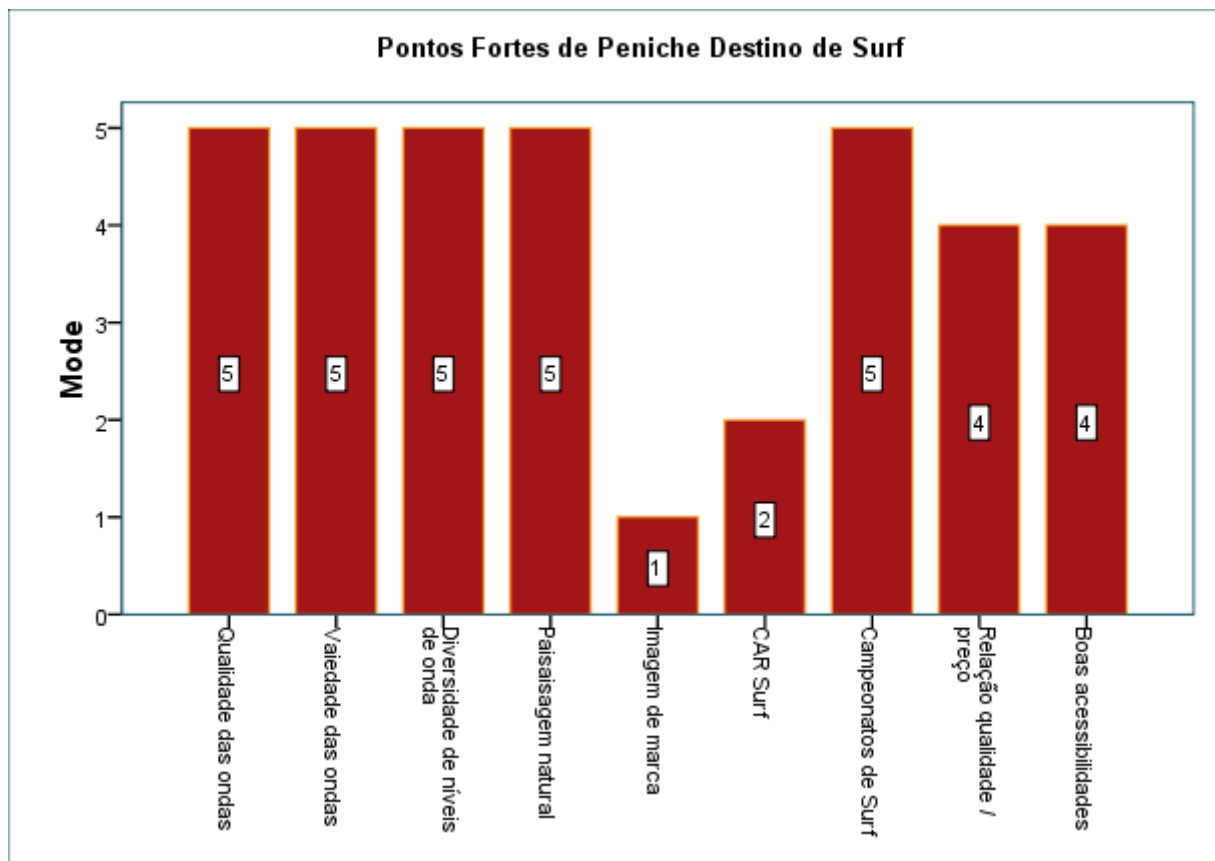
Gráficos 20. Local Preferido de Surf



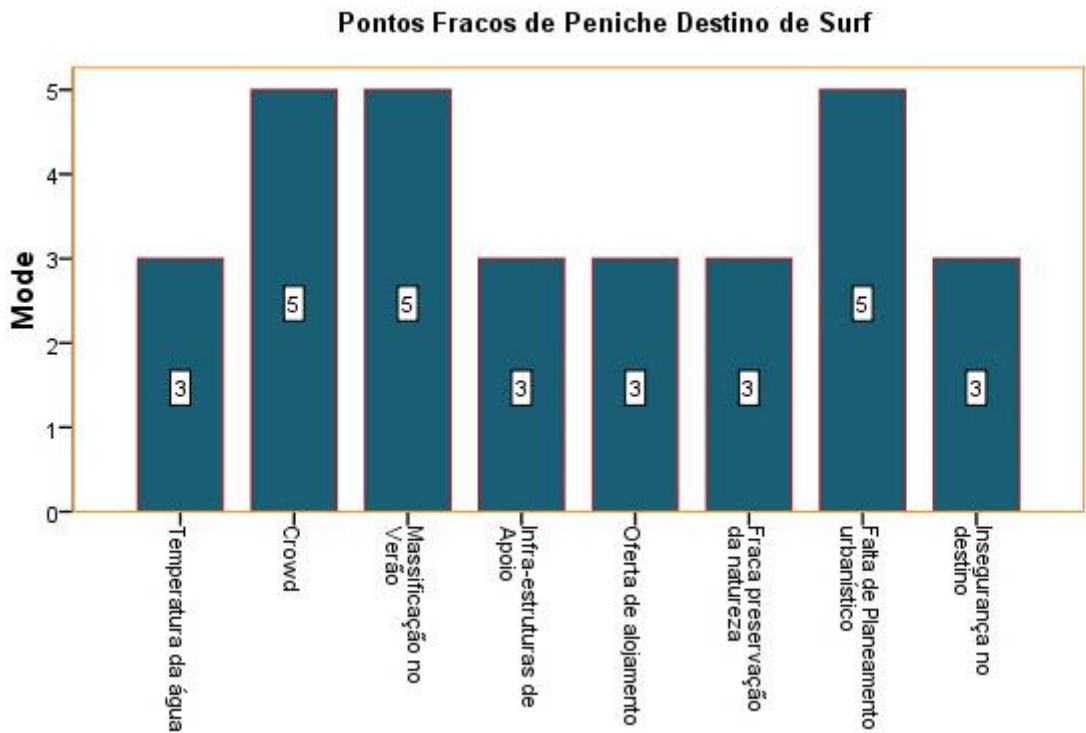
Gráficos 21. Opções de Alojamento



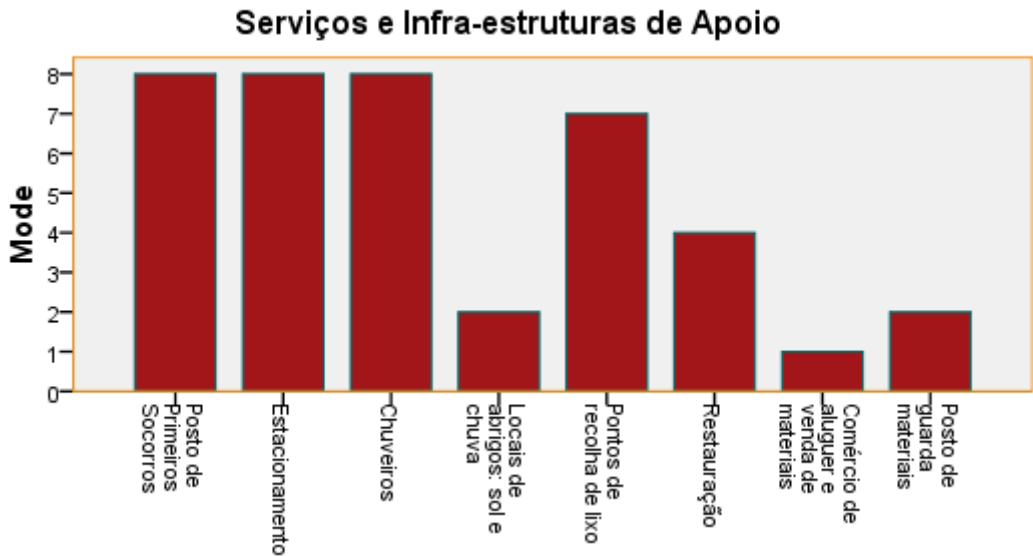
Gráficos 22. Pontos Fortes de Peniche Destino de Surf



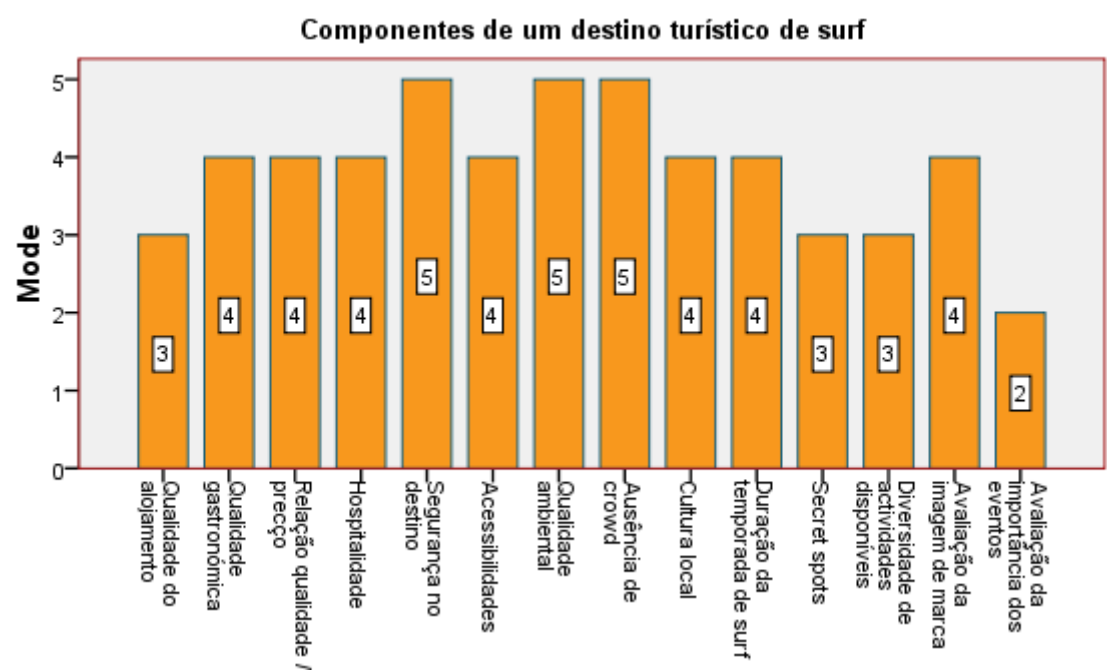
Gráficos 23. Pontos Fracos de Peniche Destino de Surf



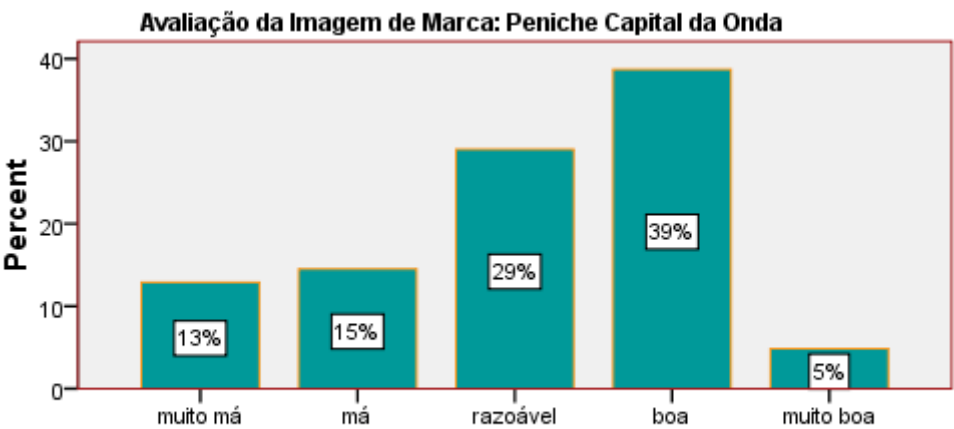
Gráficos 24. Importância dos Serviços e Infra-estruturas de Apoio



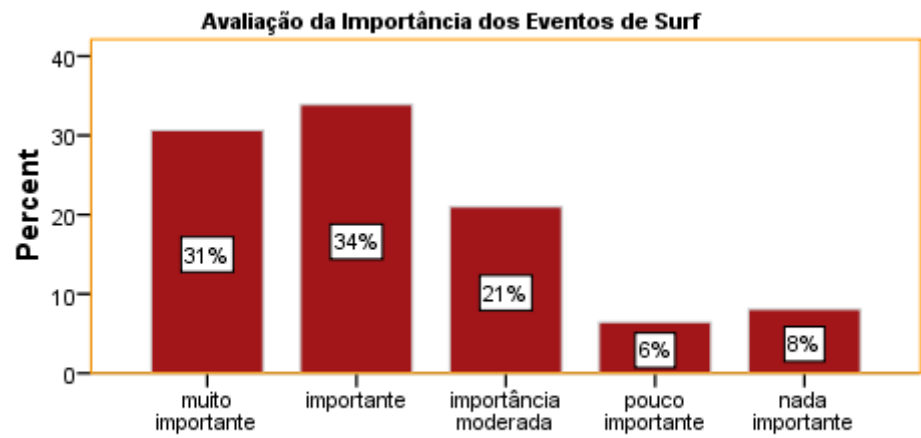
Gráficos 25. Avaliação dos Componentes de um Destino Turístico



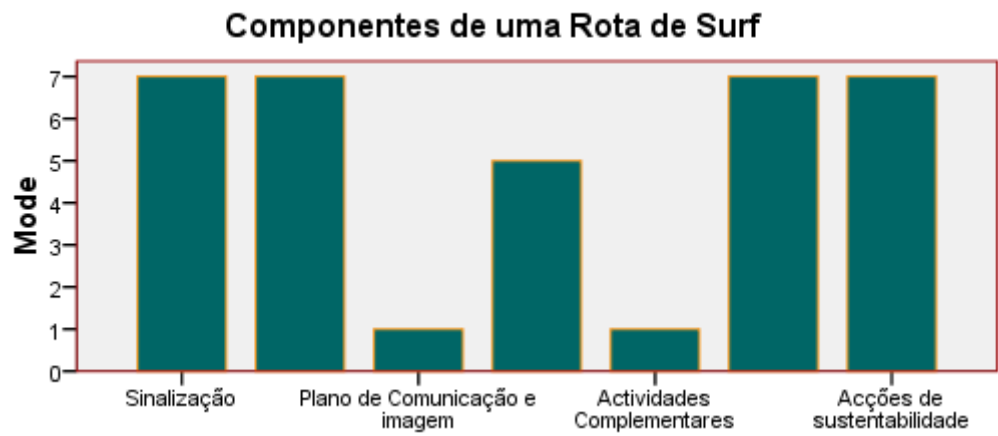
Gráficos 26. Avaliação da Imagem de Marca: Peniche Capital da Onda



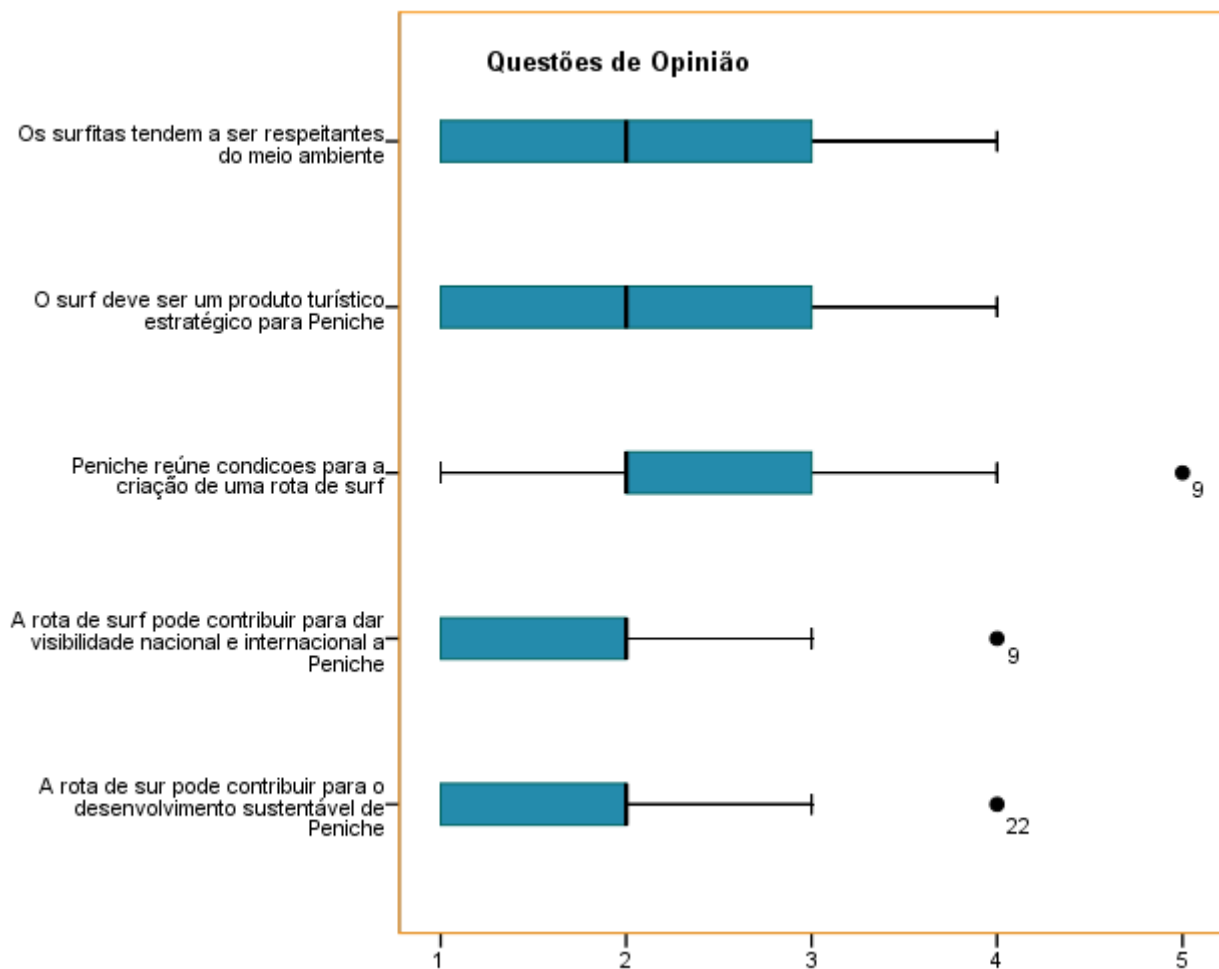
Gráficos 27. Avaliação da Importância dos Eventos de Surf



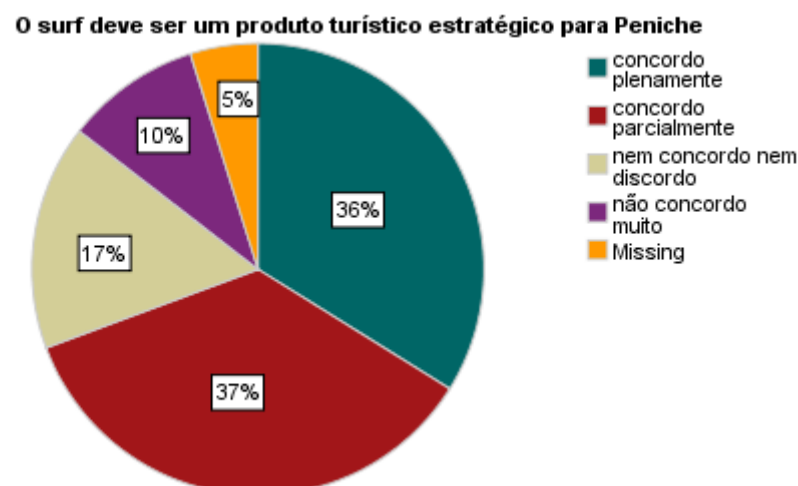
Gráficos 28. Importância dos Componentes de uma Rota de Surf



Gráficos 29. Questões de Opinião

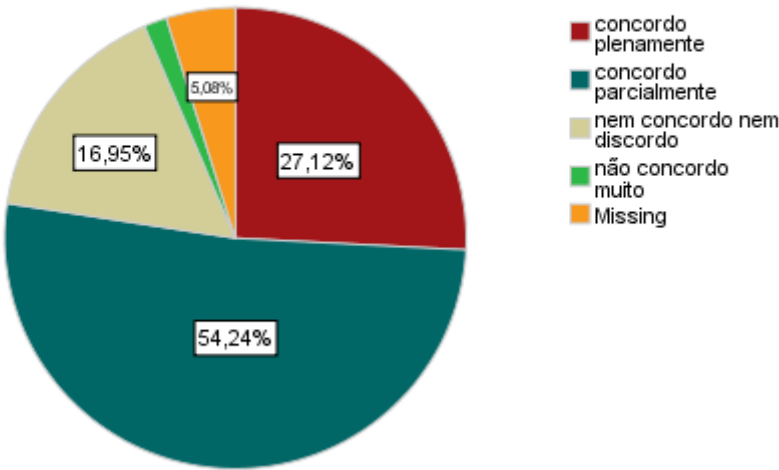


Gráficos 30. Surf Produto Estratégico para Peniche



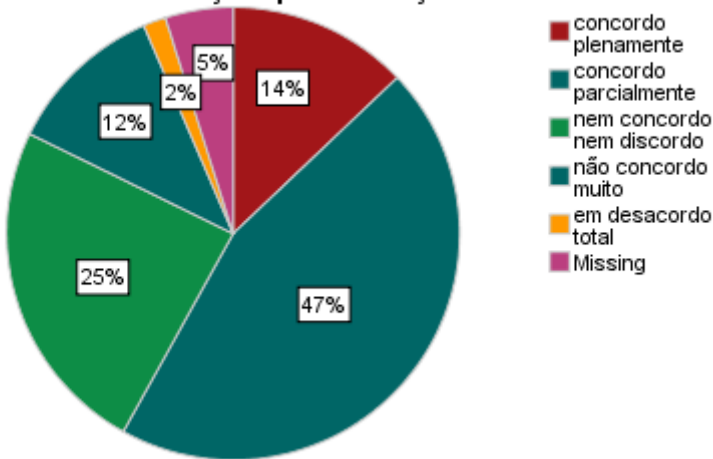
Gráficos 31. Rota de Surf pode Contribuir para o Desenvolvimento Sustentável

A Rota de Surf pode Contribuir para o Desenvolvimento Sustentável

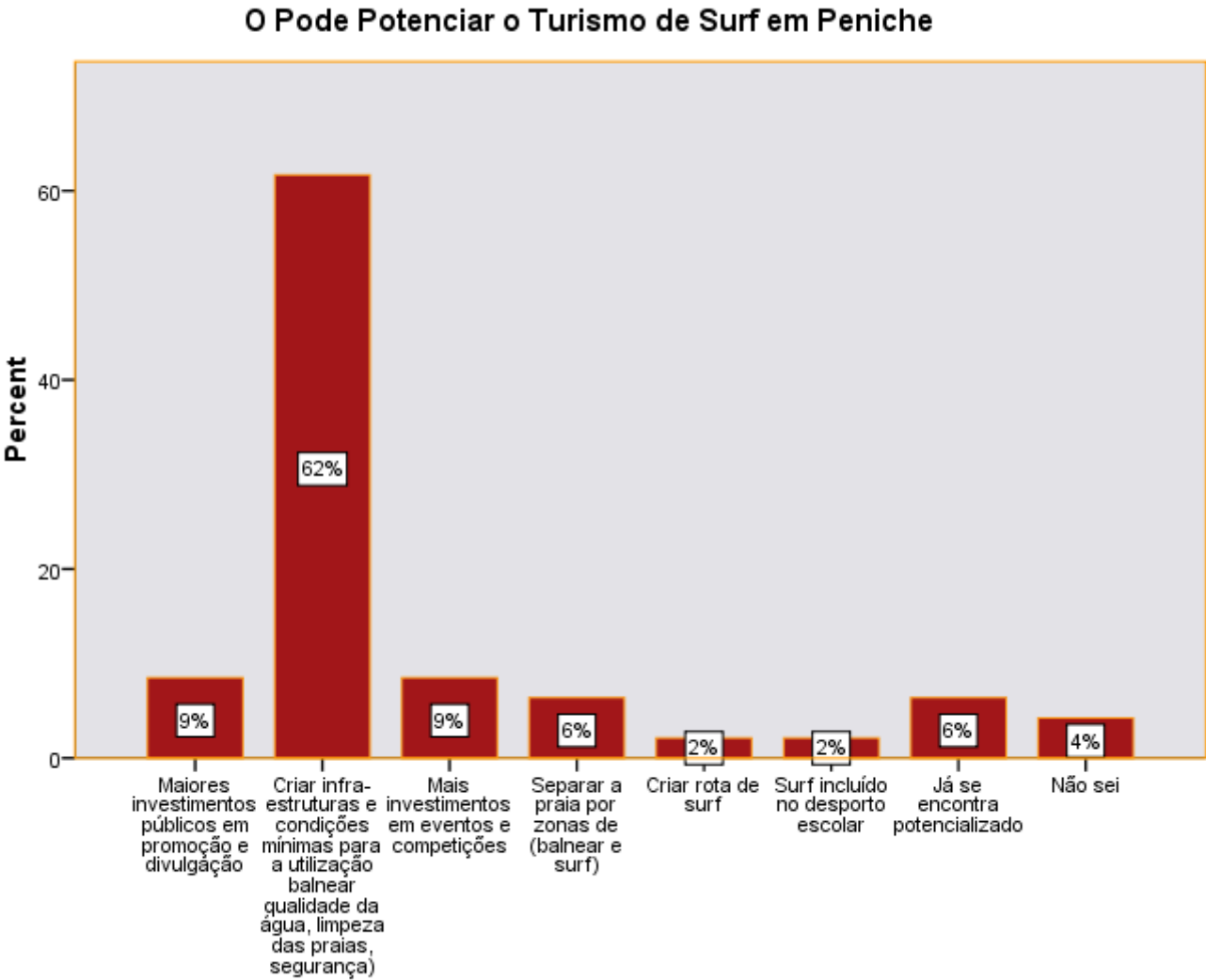


Gráficos 32. Peniche Reúne Condições para a Criação de uma Rota de Surf

Peniche reúne condições para a criação de uma rota de surf



Gráficos 33. O que pode Potenciar o Turismo de Surf em Peniche



Anexo XXVI Inventários

Porto Batel



Tipo de onda	<i>Reef break</i>
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita
Nível de dificuldade	Difícil
Nível de Surf	Experiente / Muito experiente
Frequência de funcionamento	Muito frequente (Setembro a Março)
Dificuldade de acesso	Moderado
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Todas as direcções
Direcção do vento	Quadrante Norte
Tipo de substrato	Rocha
Perigos	Rochas
Comprimento da onda	Curta
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	3
Infra-estruturas de apoio existentes	Nada
Observações	Sem vigilância; Sem sinalização com nome da praia; Estrada de terra batida.

Fonte: www.batelsurfcamp.com

Consolação



Tipo de onda	<i>Point reef break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita
Nível de dificuldade	Moderado
Nível de Surf	Experiente
Frequência de funcionamento	Muito frequente (Setembro a Março)
Dificuldade de acesso	Difícil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Todas as direcções
Direcção do vento	Quadrante Norte
Tipo de substrato	Rocha
Perigos	Rochas; Entrada e saída pelas rochas
Comprimento da onda	Longa
Melhor maré	Todas
Crowd	3
Infra-estruturas de apoio existentes	Café; Estacionamento.
Observações	Sem Vigilância; Falta de sinalização com nome da praia.

Fonte: www.batelsurfcamp.com

Supertubos



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	5
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Moderado
Nível de Surf	Experiente
Frequência de funcionamento	Muito frequente (Setembro a Março)
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Sul / Oeste
Direcção do vento	Quadrante Norte
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes; Fundões
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	5
Infra-estruturas de apoio existentes	Vigilância; Estacionamento com lugares para pessoas com mobilidade reduzida; Café; Depósitos para lixo e Ecopontos.
Observações	Carência de acessos para pessoas com mobilidade reduzida na praia; Bandeira Azul 2011.

Fonte: www.decabo.com

Molhe Leste

Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita
Nível de dificuldade	Moderado
Nível de Surf	Intermédio / Experiente
Frequência de funcionamento	Muito frequente (Setembro a Março)
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Sul / Oeste
Direcção do vento	Quadrante Norte
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes; Fundões
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	4
Infra-estruturas de apoio existentes	Estacionamento; Cafés (2); Vigilância
Observações	Ponte de acesso à praia com rampa só de um lado e estruturas no areal a pessoas com mobilidade reduzida.

Fonte: www.penichesurfcamp.com

Marques Neves



Tipo de onda	<i>Reef break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Difícil
Nível de Surf	Muito Experiente
Frequência de funcionamento	Frequente
Dificuldade de acesso	Muito Difícil
Tamanho médio de ondulação	1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte
Direcção do vento	Quadrante Sul / Leste
Tipo de substrato	Rocha
Perigos	Rochas; Correntes; Fundo Irregular; Poluição
Comprimento da onda	Longa
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	1
Infra-estruturas de apoio existentes	Nada
Observações	Sem vigilância; Local de surf muito perigoso. O localismo é muito forte neste <i>spot</i> de surf.

Fonte: Elaboração própria

Papoa



Tipo de onda	<i>Reef break</i>
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Difícil
Nível de Surf	Experiente / Muito Experiente
Frequência de funcionamento	Frequente
Dificuldade de acesso	Moderado
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte
Direcção do vento	Quadrante Sul / Leste
Tipo de substrato	Rocha
Perigos	Rochas; Correntes; Poluição
Comprimento da onda	Longa
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	2
Infra-estruturas de apoio existentes	Estacionamento.
Observações	Sem vigilância. O localismo é muito forte neste <i>spot</i> de surf.

Fonte: Elaboração própria

Cerro



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Fácil
Nível de Surf	Iniciado
Frequência de funcionamento	Muito frequente
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte
Direcção do vento	Quadrante Sul / Leste
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes; Peixe-aranha
Comprimento da onda	Longa
Melhor maré	Todas
Crowd	3
Infra-estruturas de apoio existentes	Café comércio de surf; Vigilância; Ecoponto; Passadiços dunares.
Observações	Bandeira Azul 2011.

Fonte: www.feriasemportugal.pt

Cova da Alfarroba



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Fácil
Nível de Surf	Iniciado
Frequência de funcionamento	Muito frequente
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte
Direcção do vento	Sul / Leste
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Peixe-aranha
Comprimento da onda	Longa
Melhor maré	Todas
Crowd	4
Infra-estruturas de apoio existentes	Vigilância; Ecoponto; Café; Passadiços dunares.
Observações	Bandeira Azul 2011.

Fonte: www.guiadacidade.pt

Cantinho da Baía / Baleal Sul



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Fácil
Nível de Surf	Iniciado / Intermédio
Frequência de funcionamento	Muito frequente
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Noroeste
Direcção do vento	Todos
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Excesso de <i>crowd</i> iniciante
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Média / Alta
<i>Crowd</i>	5
Infra-estruturas de apoio existentes	Sinalização; Informação sobre infra-estruturas; Vigilância; Estacionamento; Cafés e Restaurantes; Chuveiros; Ecopontos / Depósitos para lixo; Equipamento de salvamento; Passadeira de acesso; Apoio de praia; Telefone; <i>Wireless</i> ; WC municipal adaptado para pessoas com mobilidade reduzida; Água potável.
Observações	Bandeira Azul 2011.

Fonte: www.waveskialgarve.blogspot.com

Praínha / Baleal Norte



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Fácil
Nível de Surf	Iniciado / intermédio
Frequência de funcionamento	Muito frequente
Dificuldade de acesso	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte / Noroeste
Direcção do vento	Quadrante Sul
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes; Excesso de <i>Crowd</i>
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Média / Alta
<i>Crowd</i>	5
Infra-estruturas de apoio existentes	Sinalização; Informação sobre infra-estruturas; Vigilância; Estacionamento; Cafés e Restaurantes; Chuveiros; Ecopontos / Depósitos para lixo; Equipamento de salvamento; Passadeira de acesso; Apoio de praia; Telefone; <i>Wireless</i> ; WC municipal adaptado para pessoas com mobilidade reduzida; Água potável.
Observações	Bandeira Azul 2011

Fonte: www.nicoeuaqui.blogspot.com

Lagide



Tipo de onda	Reef break
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Difícil
Nível de Surf	Experiente
Frequência de funcionamento	Frequente / Muito frequente
Dificuldade de acesso:	Fácil
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte / Noroeste
Direcção do vento	Leste
Tipo de substrato	Rocha
Perigos	Ouriços-do-mar e Correntes
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Média / Alta
Crowd	5
Infra-estruturas de apoio existentes	Na praia Baleal Norte (Praínha) e Cantinho da Baia.
Observações	Sem sinalização com nome da praia.

Fonte: www.nicoeuaqui.blogspot.com

Almagreira



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	3
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Moderado
Nível de Surf	Intermédio / Experiente
Frequência de funcionamento	Frequente
Dificuldade de acesso	Moderado
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Todas as direcções
Direcção do vento	Sul / Leste
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Todas
Crowd	3
Infra-estruturas de apoio existentes	Nada
Observações	Infra-estruturas de apoio; Sem vigilância; Sem sinalização com nome da praia; Estrada de terra batida.

Fonte: www.guiadacidade.pt

Pico da Mota



Tipo de onda	<i>Beach break</i>
Qualidade da onda	4
Direcção da onda	Direita e Esquerda
Nível de dificuldade	Moderado / Difícil
Nível de Surf	Intermédia / Experiente
Frequência de funcionamento	Frequente
Dificuldade de acesso	Moderado
Tamanho médio de ondulação	1 m / 1,5 m
Direcção da ondulação	Oeste / Norte
Direcção do vento	Sul / Leste
Tipo de substrato	Areia
Perigos	Correntes
Comprimento da onda	Normal
Melhor maré	Todas
Crowd	3
Infra-estruturas de apoio existentes	Estacionamento.
Observações	Sem vigilância; Estrada de terra batida; Sem sinalização com nome da praia.

Fonte: www.penichesurfcamp.com

Anexo XXVII Entrevista a António Carneiro, Presidente da Região de Turismo do Oeste¹

- 1. O Oeste é diversificado em termos de produtos turístico, um dos quais o turismo náutico. Considera que este é um dos produtos prioritários para a região, sobretudo Peniche e Nazaré?**

O Oeste considera, face às evidências. O PENT é que não pensa assim...

- 2. Qual o papel do Turismo do Oeste na potencialização do turismo náutico e de criar esta ligação turística com o mar? Quais as estratégias previstas para a potencialização do produto?**

Trabalha activa e de forma próxima com as nossas empresas. Por exemplo oferecemos-lhe *stand* na Nauticampo. Se o PENT vier a considerar a nossa proposta de revisão, partiremos para acções institucionais conjuntas.

- 3. No seu entender o que falta para que o turismo náutico incluindo os desportos de onda, como o surf, sejam reconhecidos nos principais planos de ordenamento do território e de turismo, com o PENT? Bem como destaque do Oeste nesse sentido?**

Também queria saber...

- 4. Na sua opinião, quais são as mais-valias dos “desportos de onda” para o Oeste?**

A Região tem condições excelentes para a prática. As empresas vão aparecendo. Se hoje os surfistas jovens poderão não “facturar” muito é investindo nos jovens que asseguraremos turistas no futuro.

¹ Entrevista enviada por correio electrónico ao Dr. António Carneiro e recepcionada da mesma forma.

5. De um modo geral, como avalia os recursos turísticos para o surf no Oeste e mais particularmente em Peniche?

Como é conhecido a natureza dotou-nos de excelentes condições naturais. Peniche tem a particularidade de, sendo uma Península, permitir ao contrário, por exemplo, da Ericeira, mais do que uma resposta.

6. Como vê a aposta nos desportos de onda, mais particularmente surf, por parte da Câmara Municipal de Peniche?

7. Considera que o surf pode ser um factor de diferenciação para Peniche?

8. Acha que a imagem de Peniche Capital da Onda é uma mais-valia para o Concelho em questão?

(Resposta às questões 6, 7 e 8) – Para além do inegável interesse económico, o Município tenta, e bem, encontrar uma fórmula que o distinga, a construção de uma imagem de marca. Nesse caso o surf irá (já o é em certa medida) ter aí um contributo fundamental, embora pense que a pesca desportiva e o mergulho (quem mais tem uma Berlenga?) não podem correr o risco de subalternização, pois são produtos internacionalmente muito valiosos.

9. Qual a sua opinião em relação ao investimento do município relativamente ao centro de alto rendimento de surf?

O Governo lançou 5 Centros de Alto Rendimento para o surf, no Continente. Ter 2 na Região (Peniche e Nazaré) é excelente. A aposta de Município nessa comparação financeira é certíssima e coerente com a sua política de desenvolvimento.

10. Acha que o surf enquanto subproduto turístico pode promover a sustentabilidade de uma região?

Contribui para, sem dúvida chamar a atenção para o valor esgotável da natureza.

11. Considera que o turismo de surf em Peniche poderá minimizar a sazonalidade, incrementando o turismo interno?

Minimizar sim, mas como se sabe não é uma procura acentuadamente hoteleira.

12. Como sabe, existem uma multiplicidade de modelos de negócios associados aos desportos de onda, particularmente o surf. Na sua perspectiva o surf é um mercado em evolução para Peniche?

Sim, mas seria necessário e desejável fixar algumas empresas que estão a montante. Um operador especializado, por exemplo, e /ou fabricante de equipamentos.

13. Acha que os eventos/campeonatos de surf possibilitam o reconhecimento nacional e internacional de Peniche? Qual é a posição do Turismo do Oeste neste tipo de eventos?

Os eventos tem essa capacidade e é por isso que se investem os montantes em causa. Para além do apoio directo, um papel de defesa junto do Turismo de Portugal, sem cujo apoio seria muito difícil ter conseguido o que já se conseguiu.

14. No seu entender, uma candidatura de Peniche a Reserva Mundial de Surf poderia ser uma mais-valia para o concelho?

Considero determinante e de toda a justiça!

15. Portugal detém excelentes condições para o turismo de surf. Na sua opinião o turismo de surf deve ser entendido como um produto numa perspectiva local-global, ou seja, Portugal como um destino de surf?

Sim, sim, Portugal deve ser entendido enquanto tal. É como no Golfe. Depois há marcas regionais.

16. Como Presidente do Turismo do Oeste desde 2008 e da Região de Turismo do Oeste desde 1984, como avalia o contributo desta entidade para o turismo da região nos últimos anos?

Claro que não posso ser “juiz em causa própria”, mas penso que o reconhecimento público por parte das empresas, comunicação social e outras entidades públicas falam por si. Estou em regime de permanência desde 1998 e, posso dizê-lo, vivo este trabalho com muita dedicação e paixão, chefiando uma pequena mas excelente equipa.

17. Reflexo da instabilidade política e económica, qual a situação actual do Turismo no Oeste e o posicionamento do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste?

Penso que se refere à ERT e depois ao território. A ERT mau grado o forte corte financeiro lá vai. (com a ajuda aguardada do QREN) cumprindo a sua missão. O Território e as suas empresas também.

18. Neste sentido, qual o papel do Turismo do Oeste quanto ao desenvolvimento de novos produtos turísticos?

19. Quais os principais objectivos da entidade para 2011 e perspectivas para o futuro do turismo no Oeste?

(Resposta às questões 18 e 19) – O Turismo do Oeste mantém o seu papel e agora, tentará reforçar o seu trabalho no Turismo Náutico, Saúde e Bem-estar. (onde temos fabulosos equipamentos) e Gastronomia e Vinhos.

Anexo XXVIII Entrevista a António José Correia, Presidente de Câmara de Peniche²

1. Como surgiu a aposta na “onda” por parte do Município de Peniche?

Essa aposta surgiu de forma bastante natural, motivada sobretudo pelas excepcionais condições que Peniche oferece para a prática do surf e de outros desportos de deslize, a qual é geradora de forte atractividade e catapultou uma dinâmica local privada em torno do cluster do surf. Actualmente sentimos que foi a aposta correcta e da qual já estamos a colher frutos.

2. Que mais-valias representa a “onda” para Peniche?

A notoriedade e o reconhecimento nacional e internacional é já um dado adquirido e sustenta em muito a marca Peniche – Capital da Onda. Associado aos aspectos referidos anteriormente, surgem mais-valias como a concretização de interesses económicos em torno da hotelaria, alojamento e equipamentos desportivos. Por último, e não menos importante, a qualidade *premium* das nossas ondas é factor decisivo para acolher em Peniche uma das 11 etapas do circuito mundial de surf – Rip Curl Pro Portugal.

3. No seu entender, quais os principais pontos fortes e fracos do turismo de surf em Peniche?

O que mais destaque são as condições naturais, o historial e o reconhecimento nacional e internacional, as provas internacionais, a oferta de turística especializada através das escolas de surf e dos surfcamps aos quais estão associadas marcas de equipamentos desportivos, a proximidade com Lisboa e ainda a complementaridade com outros destinos turísticos, designadamente na região Oeste. Considero que falta ainda criar uma maior integração social do surf no concelho de Peniche, existe ainda um défice de oferta ao nível do alojamento específico para este sector de mercado.

² Entrevista enviada por correio electrónico ao Dr. António Correia e recepcionada da mesma forma.

4. Na sua opinião o surf pode promover o desenvolvimento sustentável de uma região como Peniche?

O surf pode e deve contribuir para o desenvolvimento sustentável de Peniche, em complementaridade a outras actividades económicas. No actual contexto económico-financeiro, a fórmula de sucesso para o desenvolvimento sustentável dos territórios deverá assentar na exploração dos recursos endógenos e diferenciadores. Em Peniche, o recurso diferenciador é a onda.

5. Considera o surf um subproduto turístico prioritário para Peniche?

Claramente. E é com esse objectivo que o Município tem vindo a ajustar as suas políticas de desenvolvimento local.

6. Nesse sentido, quais as principais medidas para potenciar o produto?

Ao Município compete-lhe criar as condições de base e facultar todo o apoio aos investidores, empresários e entidades locais. No que a políticas públicas diz respeito, temos como exemplos a construção do “Centro de Alto Rendimento do Surf” – o primeiro a nível europeu, e a promoção de eventos com elevado retorno e projecção internacional. Recentemente, o Município de Peniche começou a desenvolver o conceito de “Aldeia do Surf” com o objectivo de vir a definir um espaço no qual se irão concentrar os diversos serviços e indústria relacionados com o cluster do Surf. A atracção de investimentos e o apoio ao desenvolvimento de negócios locais ligados a este produto turístico é outra das apostas que vem sendo feita e que vai continuar.

7. Que benefícios trará o centro de alto rendimento do surf para Peniche?

O Centro de Alto Rendimento de surf de Peniche será um equipamento desportivo de referência a nível internacional, vocacionado prioritariamente para o desporto de elite e alta competição e que permitirá que Peniche venha a acolher estágios das melhores selecções, equipas e atletas dos desportos de deslize.

8. Considerando o ciclo de vida da marca “Peniche Capital da Onda” em que momento se encontra?

A marca “Peniche – Capital da Onda”, criada pelo Município de Peniche, é hoje amplamente reconhecida e legitimada. Tendo em consideração que Peniche está entre os principais destinos de surf a nível mundial, facto que por si só é justificado pela realização de uma das etapas do World Tour da ASP - Rip Curl Pro Portugal, e que em breve possuirá o primeiro Centro de Alto Rendimento dedicado inteiramente ao Surf, a breve prazo a marca estará consolidada.

9. Que acções preconiza para a consolidação da marca “Peniche Capital da Onda”?

Pretendemos continuar a apoiar a realização de eventos *premium* de âmbito nacional e internacional como o World Tour da ASP. Será ainda dada continuidade à política de atracção de investimentos e o apoio ao desenvolvimento de negócios locais ligados ao surf e aos desportos de deslize. A outra vertente da marca “Peniche – Capital da Onda” refere-se à componente energia das ondas, e nessa área é nossa intenção continuar a exercer um papel facilitador para que outros projectos possam vir a surgir em Peniche tal como acontece actualmente com o SURGE.

10. Qual o contributo dos eventos de surf/campeonatos para a região?

Têm sido fundamentais e são um dos vectores com maior relevância no processo de afirmação de uma marca e de uma estratégia local de desenvolvimento. Nesse sentido não posso deixar de referir que durante as edições anteriores da etapa de Peniche do World Tour da ASP, a oferta de alojamento tem esgotado em praticamente toda a região Oeste.

11. Considera que o turismo de surf em Peniche poderá minimizar a sazonalidade?

As medidas de combate à sazonalidade devem ser desenvolvidas tanto pelas entidades públicas como pelos próprios operadores turísticos privados. Por parte da autarquia a estratégia tem passado por estimular e apoiar o aparecimento de ofertas diferenciadas de alojamentos e actividades de turismo activo, assim como pela organização de um

conjunto diversificado e atractivo de acontecimentos e eventos ao longo de todo o ano conforme tem ocorrido desde o mandato passado. Eventos como os carnavais de Verão e Inverno, Natal Penicheiro, Verão que é Bom, períodos temáticos como o Mês do Mar, o Mês de Amália, entre tantos outros, são por excelência, as fórmulas que o Município tem criado de motivar a vinda de visitantes a Peniche por razões que não se prendam exclusivamente com o turismo balnear. A própria realização da etapa europeia mais emocionante do World Tour em Outubro, tende a atenuar significativamente o efeito da sazonalidade. Os surfcamps também têm apostado no período de realização do evento para atrair clientes e na amenidade do Inverno português para durante a época baixa trazerem turistas do Norte da Europa com vontade de praticarem desporto de ondas.

12. Existe algum estudo relativo ao tipo de surfista visitante?

Temos vindo a trabalhar sobretudo no perfil do visitante que procura o Rip Curl Pro Portugal. Nesse sentido, existe um estudo elaborado em 2009 e 2010 pelo Município em parceria com a Escola Superior de Turismo Tecnologia do Mar – IPL, baseado em inquéritos aos turistas, realizados durante as etapas do campeonato do mundo de surf que se realizam em Peniche. Existem ainda alguns os dados anuais relativos às nacionalidades dos utilizadores do parque de campismo municipal e do posto de turismo municipal mas que não são exclusivamente surfistas.

13. Quais os principais mercados que vêm por motivos de surf?

Considerando o estudo referido na resposta à pergunta anterior, mais de 50% dos inquiridos são portugueses, seguidos pelos cidadãos de outros países do mundo (8,5%), cidadãos de outros países europeus (7,4%), espanhóis (6,9%), alemães (6,8%) e britânicos (6,5%).

14. Que outros mercado gostaria de atrair dentro desta motivação?

Aqueles que possam representar uma mais-valia para a actividade turística local. Mas mais recentemente o mercado dos países do Norte da Europa, da Rússia e de outros países de Leste está a demonstrar algum dinamismo e tendências interessantes de procura em relação ao turismo de surf e ao qual devemos estar atentos.

15. Considera o surf um mercado em evolução em Peniche (particularmente ao nível do sector privado pela capacidade de atracção de novos negócios)?

Sem dúvida. Verifica-se um enorme dinamismo do sector privado nesta área e os números comprovam-no. Não param surgir novos surfcamps, surfhouses e hostels no concelho e foi recentemente criada a associação de escolas de surf e surfcamps de Peniche.

16. No seu ponto de vista, como a população local encara o investimento nos desportos náuticos, particularmente o surf?

Penso que a população encara bem e com enorme expectativa. Talvez de início houvesse um número ainda grande de pessoas não acreditava e que até se opunha a esta aposta. Penso que essas pessoas são cada vez menos e que aos poucos população e os empresários têm sido naturalmente conquistados por este mercado do surf.

17. Como vê o facto de o Oeste (onde se encontra Peniche) não ter relevância nos principais planos orientadores do turismo como o PENT, no âmbito dos produtos turismo natureza e turismo náutico?

O Município de Peniche discorda do enquadramento que o PENT faz do Oeste, tendo manifestado o seu ponto de vista através de um ofício dirigido ao anterior Secretário de Estado do Turismo, em consonância com a posição também assumida pela Entidade Regional de Turismo do Oeste.

18. Na sua opinião, o que falta para que o surf e outros desportos náuticos sejam encarados como importantes ao nível do turismo e para o desenvolvimento local?

Na sequência da resposta à pergunta anterior e à pergunta 3, considero que falta ainda criar uma maior cultura surf no concelho de Peniche e combater o défice de qualidade e quantidade ao nível do alojamento e da existência de produtos alternativos complementares ao surf. Por outro lado, falta decorrer mais algum tempo para que esta estratégia se possa afirmar definitivamente, tempo esse que será essencial para que

alguns dos problemas que identifiquei se possam vir a resolver por iniciativa do Município mas também do sector privado e da sociedade civil local, de um modo geral.

19. Que projectos no âmbito do surf se adivinham neste ano, para além da realização do Rip Curl Pro 2011 em Outubro?

Ainda no decorrer de 2011, destaco como grande momento a entrada em funcionamento do Centro de Alto Rendimento de Surf de Peniche, que será o primeiro Centro de Alto Rendimento de Surf do país. Continuaremos a desenvolver o conceito da Aldeia do Surf.

20. Na sua perspectiva, qual será o futuro do surf em Peniche? Estará para breve uma candidatura a reserva mundial de surf?

Embora esse reconhecimento não seja prioritário, julgo que em breve teremos condições para avançar nesse sentido.

Anexo XXIX Entrevista a Pedro Lima, "O Primeiro Surfista Português"³

Tânia Cabeleira – A informação que tenho é que começou a surfar em 1959, conferindo-lhe o título de primeiro surfista português.

Pedro Lima – Em 1959 surfei pela primeira vez em pé, mas comecei a fazer *bodyboard* em 1946, aliás *bodysurf* em 1946 com umas barbatanas. Eventualmente no que diz respeito ao *bodyboard* e depois ao *bodysurf*, com uma prancha de cortiça, devo ter sido o primeiro *bodyboarder* na Europa, porque as próprias barbatanas que um primo meu me trouxe, do Havai não estavam conotadas com o *body board* e devem ter sido as primeiras barbatanas em Portugal. Durante 5 ou 6 anos não haviam outras e mesmo no Havai estavam ligadas à caça submarina. Na altura fazia *bodysurf* com uma camisola de lã para ter menos frio, e quando anexeí as barbatanas à minha actividade passei a entrar em mar maior, com ondas verdadeiramente grandes, ondas de temporal de Inverno em Carcavelos. Depois tive a ideia de utilizar uma prancha de cortiça, obtida através de um amigo que tinha cortiça no Alentejo. Descobrir o *angling*, ou seja, andar de lado ao longo da onda, foi a manobra que se seguiu. Isto tudo por intuição.

Tânia Cabeleira - O que o despertou para os desportos náuticos?

Pedro Lima – Tirei a carta de patrão de vela com 14 anos, quando estive nos Açores durante a guerra. Aliás, foi durante a guerra, em 1945, que vi uma revista americana na base aérea da ilha Terceira que falava no Duke Kahanamoku, que estava nessa altura a levar o surf para os Estados Unidos. Portanto, o surf estava mesmo no seu início nos próprios Estados Unidos, embora fosse um desporto tradicional no Havai, uma vez que segundo relato do capitão Cook, após as suas viagens em 1700 ao Pacífico, os nativos havaianos “mostravam grande destreza a descer ondas em pranchas gigantescas e que isso lhes parecia dar muita alegria” e inclusivamente servia como forma de eleição do Rei Havaiano.

Tânia Cabeleira – De facto, o surf era considerado o “desporto dos reis”...

³ Entrevista realizada pessoalmente e gravada através de um gravador de áudio.

Pedro Lima – Os não dignitários das tribos tinham umas pranchas mais pequenas chamadas *paipos*, também em madeira. Portanto, o próprio *bodysurf* já deve ter uma origem havaiana, mas só começou a ter uma dimensão internacional quando foi para os Estados Unidos e depois quando veio dos Estados Unidos para a Europa. A chegada do surf em pé à Europa deu-se em 1956, quando o cineasta americano Peter Viertel foi filmar um filme baseado num livro do Hemingway e viu ondas boas em Biarritz e mandou vir a sua prancha. Em 1957 apareceu um pequeno grupo que começou a fazer surf com o cineasta. O engenheiro Barland que tinha uma fábrica de material em fibra de vidro em Bayonne, começou a fazer pranchas nessa altura. Quando eu soube que havia pranchas de surf em Biarritz, aproveitei no regresso duma estadia de *ski* nos Pirenéus par descobrir onde era a fábrica e comprar a minha primeira prancha, em 1959. Quando com a minha prancha nova, comecei a tentar fazer carreiras e a pôr-me, em pé escorregava sempre e caía... A solução foi voltar a Biarritz para me informar de como resolver o problema e aí encontrei um americano que estava na água sozinho, na Plage des Anglais, eventualmente um dos primeiros a vir da base aérea americana de Frankfurt até à costa, à procura de ondas. Assim, quando lhe perguntei como resolver o problema ele explicou: “get a piece of wax” e ele mesmo pôs a parafina na minha prancha e “fez-se luz”. Nesse mesmo momento fiz a minha primeira carreira em pé.

Tânia Cabeleira - Então, é correcto afirmar que o turismo ajudou a desenvolver o surf em Portugal?

Pedro Lima – Mas isso é só a partir de 1968, em que aparecia um ou outro turista. Os primeiros americanos que vinham em carrinhas Volkswagen e alguns ingleses ajudaram a tornar o surf mais conhecido nas nossas praias, onde até então, eu fora o único surfista a ser visto desde 1959.

Tânia Cabeleira – As suas viagens por Portugal também ajudaram a divulgar o surf nas regiões litorais?

Pedro Lima – Claro. Eu escrevi o primeiro artigo sobre surf que saiu em Portugal, na revista “Século Ilustrado”, em 68 / 69, afirmando que o surf era um desporto excelente e extremamente saudável muito adequado a um país que tem muitos quilómetros de costa e óptimas ondas. Aliás, hoje em dia, fazem-me entrevistas na televisão, e aproveito

sempre para passar a mensagem que o surf é um desporto fundamental para Portugal, considerado um “país de marinheiros” mas que na sua maioria não sabe nadar... Desde 92 morreram cerca de 150 crianças e adolescentes afogados, representando uma média de 2 por mês, muitos em “águas paradas”. A super-protecção que os pais dão aos filhos, torna-os muitas vezes ineptos e há que manter o que eu chamo a “cultura de risco”, embora seja um risco calculado, de forma que os miúdos consigam resolver situações de perigo. O surf é um desporto espantosamente violento mas contudo pacífico, porquanto a luta é contra o mar, adversário gigantesco e exponencialmente mais forte do que nós, mas não contra pessoas. Eu não sou um entusiasta dos campeonatos, mas acho que são necessários porque permite o profissionalismo, fazendo o surf progredir na sua técnica e divulgação. Mas, para mim, o verdadeiro espírito é partir, à procura de sítios novos, da onda ideal e de nós próprios. É uma aventura dentro de outra aventura, procurando eliminar as nossas limitações e os nossos receios aumentando a nossa capacidade física e mental. Portanto, é uma versão tão romântica como os antigos cavaleiros andantes que partiam para fazer o bem, mas essencialmente partiam para descobrir novos sítios e a eles próprios. O turismo de surf, uma aventura dentro de outra aventura, acho que é das actividades mais aliciantes para a malta jovem, mas não só, é também para pessoas de qualquer idade, eu continuo a fazer surf e tenho 81 anos...

Tânia Cabeleira – Durante os anos 60 como é que o surf era visto pela população local e pelas autoridades?

Pedro Lima – Para as autoridades, era um inferno porque quando havia ondas, era proibido tomar banho. Cansado de ter problemas com os Cabos do Mar comecei a bater a costa toda durante o Verão, para as praias selvagens. Tive uma *roulotte* 6 anos na Arrifana, em 1963 / 64 até 1965. No Verão puxava-a para cima na falésia e de inverno estava ao pé da casa de um pescador, que me levava no barco dele para fazer caça submarina. Nessa altura fazia caça submarina e surf, percorria a costa toda em *motocross* onde não havia estradas, levando a prancha, num ‘*rack*’ que tinha feito na moto, com muito cuidado para não a partir. A partir da Arrifana, descobri a praia do Castelejo e a da Amoreira, a praia do Canal e a do Amado e a Ponta Ruiva, para onde não havia estradas. Todas aquelas praias eram de facto uma forma de fugir aos Cabos de Mar que me prendiam sistematicamente e uma forma de descobrir novas ondas....

Tânia Cabeleira – Mas era preso por praticar desportos no mar?

Pedro Lima – Sim, prendiam-me mesmo. Até ao 25 de Abril nós tínhamos de andar de camisola, o fato de banho tinha de ser completo, com o peito tapado. A multa podia ir até 5 contos, quando um ordenado bom rondava os 3.500 escudos. Hoje em dia, os 5 contos correspondiam a cerca de 5.000 euros, valor aquisitivo, era altamente repressivo. Fui preso na Caparica, em Carcavelos, na praia do Guincho e no Porto. Quando estava no mar e via uma multidão na praia e uma “mancha” branca no meio, que era um Cabo do Mar, já sabia que estaria a apitar por estar bandeira vermelha, mas não o ouvia porque estava longe; depois quando chegava à praia, era sempre a mesma história: perguntava-me se não tinha visto a bandeira vermelha e eu respondia-lhe que sim, e ele dizia que era uma inconsciência entrar num mar assim e eu respondia-lhe “desculpe, mas o senhor não sabe nada disso, eu estou há três horas nas ondas e entrei nas ondas e sai as vezes que quis, deve ter reparado que tive total controlo da situação”, mas ele insistia que a bandeira vermelha me proibia de nadar, ao que respondia que não estava a nadar, mas a navegar, e continuava “mas também não pode navegar nas áreas de banho”, eu argumentava “mas o senhor disse-me que é proibido tomar banho, portanto, não há qualquer risco porque não há banhistas”. “Mas também não pode tomar banho” e eu dizia-lhe, “mas eu não estou a tomar banho estou todo vestido”. Esta argumentação continuava, “tem identificação?”, “não tenho”, “tem depósito?”, “não”, “então vamos para a capitania”. Entretanto os banheiros vinham em meu socorro, dizendo que já ali tinha salvo uma quantidade de gente quando, nessa altura os meios de salvamento eram muito deficientes. O meu filho com 14 anos foi nadador salvador em Carcavelos, quando ainda não havia qualquer legislação sobre isso, e só num dia salvou 11 pessoas.

Tânia Cabeleira – O que acha que provocou este *boom* actual no surf?

Pedro Lima – É um circulo vicioso, a partir do instante em que o surf começa a aparecer na televisão, dá-se imediatamente uma expansão do conhecimento acerca deste desporto. Quando eu escrevi em 1968 /69 um artigo sobre surf no “Século Ilustrado,” houve indivíduos que não tinham estado nunca, com certeza, em cima de uma prancha que afirmavam: “O quê? Surf em Portugal, mas não temos ondas para surf!”. Esta atitude do português que se não faz não quer que os outros façam, e que emite opiniões sobre assuntos, dos quais não tem minimamente conhecimento. Nós somos um país

essencialmente de espectadores de desporto, espectadores de futebol e não de praticantes desportivos. No surf, começaram a aparecer cá, a seguir ao Woodstock, em 1969, na época dos hippies, os primeiros surfistas estrangeiros. As autoridades vigentes eram totalmente subjugadas pelo *lobby* católico ultra conservador e nós nem podíamos andar em tronco nu, na praia, e os nossos fatos de banho tinham que ter um saíote à frente e os fatos de banho das senhoras tinham de ter saia completa e 3 centímetros de perna, se não fosse isso estavam sujeitos a multas até aos 5 contos. Era uma restrição paternalista, completamente inaceitável, que fez com que eu, durante o Verão fosse explorar, além das nossas praias selvagens, praias estrangeiras em Marrocos e França. Depois de Biarritz e Hossegor segui para norte, batendo a costa toda da Gironde. Hoje é tudo conhecido, mas naquela altura os surfistas eram praticamente desconhecidos.

Tânia Cabeleira – De facto, é uma grande evolução até aos dias de hoje. Apesar de toda esta evolução o que acha que ainda falta ao surf em Portugal?

Pedro Lima – O que falta ao surf em Portugal, é uma maior percentagem da juventude adoptar o surf como um desporto nacional. Não é um desporto caro, com cerca de 9 ou 10 contos compra-se um fato e as pranchas em segunda mão são baratas, e é um dos desportos mais saudáveis física e psicologicamente.

Considero-me uma pessoa banal e se eu consegui aprender a surfar sozinho e se consegui também aprender a fazer pranchas, qualquer pessoa o poderá fazer também; a única coisa que me diferencia é eventualmente a capacidade de tomar uma atitude de iniciativa. O que faz falta é o sentido de aventura e o sentido de risco, que substitua o sentido de rotina e o ser só um espectador. Se as pessoas, como o povo diz, “agarrarem os bois pelos cornos”, ao longo da vida, irão sempre conseguindo ultrapassar situações e limitações. O que falta é uma atitude de desporto activo, em vez de uma atitude de espectador... Eu quando vi numa revista o Duke Kahanamoku em cima de uma prancha numa onda, pensei, “tenho que fazer isto”; o deslizar numa onda ou na neve é uma coisa totalmente intuitiva.

Tânia Cabeleira – Acha que o surf pode ajudar a desenvolver uma região com potencial turístico?

Pedro Lima – Sim, sim. Certamente. Por exemplo, o Presidente de Câmara da Nazaré já está a fazer isso, já fez uma série de promoções, convidou o Garrett Mcnamara, que é um dos maiores *experts* das ondas grandes e do *paddle* surf, que já conheci, além de ser uma pessoa encantadora e que tornou Portugal conhecido como tendo ondas gigantes surfáveis.

O Presidente da Câmara de Peniche, está inaugurando um Centro Desportivo de Alto Rendimento que virá a dar apoio exemplar aos surfistas, complementando o reconhecimento mundial da qualidade das ondas da região, que este ano teve o seu apogeu com provas inesquecíveis em Supertubos durante o World Tour. A organização desta prova contou também com o auxílio precioso da Câmara. O “WT” trouxe a Peniche uma multidão de espectadores e de praticantes de muitas nacionalidades, durante vários dias, que contam com boas ondas numa vasta área, e com acomodações disponíveis, o que os fará voltar cá.

A Câmara de Mafra, também conseguiu tornar a região da Ericeira como Reserva Mundial de Surf (uma das primeiras do mundo), obstando a que alterações e obras na costa possam interferir com a qualidade natural das ondas.

Tânia Cabeleira – Então os valores que um surfista deve integrar são coragem, aventura ...

Pedro Lima – Deve ser inculcido nos miúdos a “cultura de risco” calculado, compensando a educação super-protectora que é dada pela maioria do país de hoje. Sem enfrentar riscos, não se desenvolve a coragem que trará a autoconfiança, tão necessária ao equilíbrio psíquico. O surf em si, é aventura e companheirismo...

Tânia Cabeleira – De que forma esses valores e a “cultura de risco” deveriam ser passados para os surfistas?

Pedro Lima – Essa é uma das missões das escolas que já existem. Quantas mais escolas existirem em que os professores tenham uma boa formação sobre a técnica do surf e

sobre as condições do mar e sua avaliação, melhor se transmitem esses valores. Uma vez sugeriram-me que fizesse os 10 Mandamentos do Surf, por exemplo: 1. Avaliar o mar antes de entrar; 2. Imaginar a possível evolução das condições de acordo com a mudança da maré; 3. Avaliar o estado do mar, mas também em relação à nossa condição física nesse dia, por exemplo, se nos deitamos tarde, ou ainda se tivemos uma semana cansativa. 4. Ter consideração e respeito pelos principiantes, ajudá-los lembrando-nos que já fomos como eles; 5. Ensinar os nossos amigos todos a surfar, é algo bom para eles e torna-nos melhores pessoas, estando bem com os outros e connosco próprios. O surf deve ser um desporto extremamente agressivo, mas contra os elementos e não contra as pessoas. Para mim o meu ídolo foi sempre Gerry Lopez, que foi o primeiro surfista a descer as ondas gigantes de Pipeline e que depois de ganhar vários campeonatos abandonou a competição por considerar que ‘esta o afastava do verdadeiro espírito do surf’. Ele foi mais tarde, o fundador da marca de surf *LightningBolt*.

Tânia Cabeleira – O que o levou a tornar-se embaixador da marca *Lightning Bolt*?

Pedro Lima - A empresa onde eu era consultor de marketing comprou a marca e nomeou-me relações públicas em virtude de eu ser muito conhecido no meio “surf” e do meu conhecimento do material técnico. Assim, a empresa onde eu trabalhava, ter comprado a marca, foi uma coincidência fantástica. A *LightningBolt* foi a primeira marca de surf em Portugal, começando em 1973. Mais tarde, o meu neto foi à Nicarágua e a Costa Rica patrocinado por eles, e costumavam convidar-me como “primeiro surfista português” a entregar os prémios dos campeonatos que organizavam. Assim, o primeiro troféu que o meu neto ganhou, com 11 anos, fui eu que lho entreguei...

Na verdade, existem dois tipos distintos de surf: surf de competição e o *soul surfer*. O *soul surfer* faz surf porque lhe apetece, porque gosta, parte à procura do mundo e das ondas, não tem horários, não tem obrigações, a não ser as regras éticas relativamente aos outros surfistas e regras ecológicas, mas não está competindo contra os seus “companheiros de mar”.

Tânia Cabeleira – Acha que as organizações não-governamentais, por exemplo a SOS, têm um papel importante em fomentar esses valores?

Pedro Lima – Certamente, todas as associações de surfistas, todas as associações ecológicas que promovam desportos ecológicos, todas as organizações governamentais ligadas ao desporto deviam promover e dar a importância que por exemplo é atribuída ao futebol, importância de verbas e de promoção. Hoje há campeonatos internacionais que trazem centenas de pessoas cá, todas as vilas costeiras que têm ondas deviam fazer um esforço promocional para dizer que têm ondas, promover o desenvolvimento de locais onde funcionem as escolas de surf. Este, por exemplo, é o caso de São Pedro do Estoril.

Tânia Cabeleira – O que distingue o surf em Peniche de outros destinos de surf?

Pedro Lima – O surf em Peniche tem duas grandes vantagens, uma a longa costa norte até ao Baleal que é fantástica em determinadas condições de vento e depois tem a costa sul, com a praia dos Supertubos, que tem excelentes ondas com grande consistência de qualidade. Conforme a época do ano, conforme os ventos, há sempre uma alternativa de escolha fantástica. Se está um temporal de sudoeste, no Baleal estará ótimo, está vento *offshore*. A longa área de praias com ondas boas reduz uma exagerada concentração de surfistas – o *crowd*. Além disso, tem uma excelente oferta de alojamento e grandes parques de estacionamento, condições únicas na nossa costa.

Tânia Cabeleira – Considera que Portugal é um destino surf?

Pedro Lima – Portugal já é um destino de surf, pode ser potenciado, obviamente depende das infra-estruturas, das facilidades e das promoções locais como a possibilidade de alugar material a preços razoáveis. Hoje em dia, começa a ser caro viajar com pranchas, e todos os turistas que vêm cá, podem assim encontrar todos os serviços associados. Existem também várias iniciativas, como um movimento muito importante em Viana de Castelo que consiste nos encontros Lusogaláticos e o dos países Celtas, que reúne ingleses, irlandeses, bascos, galegos, espanhóis, franceses, escoceses... Campeonatos de surf, canoagem, remo, *bodyboard*, natação, vela desportos náuticos, durante uma semana e inclusivamente com desportos adaptados aos deficientes, por exemplo tetraplégicos a fazer vela, a conduzir barcos à vela, com um

sistema que manobra o barco através do sopro num dispositivo. Em São Pedro do Estoril, o professor João Ferreira, colocou tetraplégicos a fazer surf e mergulho. Para uma pessoa que só mexe a cabeça, pô-lo a fazer estes desportos torna-se uma fonte de alegria, levá-los na prancha fazê-los descer ondas... A capacidade de transmitir felicidade às pessoas, pôr um tetraplégico a surfar e proporcionar-lhe momentos de alegria faz-nos verdadeiramente melhores pessoas.

Tânia Cabeleira – São iniciativas destas que fazem falta?

Pedro Lima – Nós temos 900 km de costa própria para fazer surf e um clima ameno; todas as iniciativas que divulguem esse facto são necessárias.

Tânia Cabeleira – O que está na essência do surfista?

Pedro Lima – Como já disse, o surfista é como um “Cavaleiro Andante” é uma aventura dentro de outra aventura, descobrir novos sítios, descobrir a onda perfeita e descobrimo-nos a nós próprios...

Tânia Cabeleira – O localismo pode ser uma contradição nesse sentido?

Pedro Lima – Pois temos que legislar sobre isso e sobretudo, temos que criar um princípio de educação, de mística, passando a olhar para as pessoas como “companheiros do mar” e não como “usurpadores de ondas”. O nosso companheiro de mar é uma pessoa sagrada, ainda bem que ele está ali, ele pode ajudar-nos e nós a ele. O mar é um meio até certo ponto hostil, todos os que andam no mar devem desenvolver uma mentalidade de solidariedade, como um princípio minimamente ético. Quem está com uma prancha ao nosso lado deve ser um companheiro e não deve ser uma pessoa que acha que lhe estás “a roubar” a onda.

Tânia Cabeleira – Na sua perspectiva o surf passa muito pela cultura de valores e solidariedade?

Pedro Lima – Como qualquer desporto. Pessoalmente assisti a poucos jogos de futebol na minha vida, embora tenha sido jogador, bem como de rugby, mas por exemplo se num jogo, quer o clube da minha simpatia, quer o adversário, fizer uma boa jogada, eu bato palmas... É o desporto pelo desporto, não só pela ânsia de vitória sobre o

adversário. A educação cívica é fundamental, nós temos que dar ao nosso povo um sentido verdadeiramente desportivo. O *fairplay* é fundamental e, todas as coisas boas do desporto podem ser transpostas para o nosso dia-a-dia, transformando-nos em pessoas mais capazes e simultaneamente mais éticas.

Tânia Cabeleira – Como última questão, o que é que o surf lhe trouxe na sua vida?

Pedro Lima – O surf trouxe-me um grau de autoconfiança maior do que todos os outros desportos, maior capacidade física e maior capacidade mental. Quando nós estamos a nadar durante 3 horas e aparece um *set* gigante temos de lhe fazer face, e quando já não temos força muscular porque já se esgotou, temos força anímica. A maioria das pessoas não sabe fazer recurso a essa força anímica, mas esta é proveniente de uma energia interior, uma energia opcional, que já não é músculo, mas uma força mental. Enfrentando o perigo criamos autoconfiança, criando autoconfiança criamos autoestima, e assim criamos tranquilidade interior. Nós não poderemos gostar das outras pessoas se não gostarmos de nós próprios. O relacionamento com as outras pessoas deve ser um relacionamento amistoso. Devemos transmitir isto aos miúdos, devia fazer parte dos programas das escolas, tal qual como o Prof. João Ferreira conseguiu que o surf fizesse parte do programa educacional de alguns liceus da linha de Cascais. Por exemplo, os franceses, os alemães e os suíços dão nas escolas, aulas de *ski*, enquadrando-os no ambiente da alta montanha que tal como o surf, representa um risco calculado. O surf devia ser considerado cá, em todas as escolas ao longo da costa, um desporto escolar. Afinal de contas, na Terra nós temos 2/3 de água e 1/3 de Terra, os miúdos deviam aprender a nadar tal qual como aprendem a andar. Os primeiros 5 metros que se fazem em cima da prancha são tão exultantes como os primeiros cem metros. Outra vantagem especial é ser um desporto que podemos praticar com os nossos filhos e com os nossos netos, aumentando o companheirismo familiar apesar das diferenças de idade. É o melhor dos desportos...

Anexo XXX Entrevista a Pedro Bicudo, Presidente da Associação SOS⁴

- 1. A partir de 2002 nasce a SOS como um movimento cívico. Actualmente já são uma organização não-governamental de cariz ambiental? Como se organiza actualmente a estrutura da SOS?**

Actualmente somos uma associação, e já temos mais de 2000 sócios. Estamos a coligir os documentos necessários para os submetermos à Agência Portuguesa do Ambiente e passarmos a ONG A de âmbito nacional.

- 2. Tendo como missão “Proteger, Preservar e Potenciar as Ondas na Orla Costeira” nacional. Quais os benefícios desta missão para o futuro do país?**

Os benefícios que podemos ajudar a trazer ao país são enormes. Não só podemos ajudar a preservar a costa, como ajudar a trazer milhões de turistas surfistas que, de forma sustentável, podem trazer o rendimento e o emprego tanto faz falta neste momento a Portugal.

- 3. Quais os sucessos da SOS até agora?**

Todas as grandes campanhas da SOS tiveram sucesso total ou parcial. Salvámos praias de ficarem descaracterizadas e impróprias para o surf, como a praia de Carcavelos. E contribuímos de forma crucial para a Reserva Mundial da Ericeira, para o estudo piloto da Economia do Surf, e para o projecto inovador do Recife Artificial para o surf de São Pedro do Estoril.

- 4. Qual a importância das “ondas” para uma região com potencial para a prática de desportos náuticos como surf?**

Toda a nossa costa tem potencial para a prática do surf, e como tal as suas ondas são muito importantes.

⁴ Entrevista enviada por correio electrónico ao Dr. Pedro Bicudo e recepcionada da mesma forma.

5. Quantas ondas já foram perdidas em Portugal?

Já perdemos quatro ondas, e já foram danificadas mais outras dez ondas.

6. Neste momento existem “ondas” em risco? Quais? O que se pode fazer para reverter a situação?

Temos ondas em risco nos Açores, na Madeira, na Figueira da Foz e no Alentejo. As obras de engenharia costeira podem ser corrigidas para não perdermos as ondas, ou em alternativa podem ser criados recifes artificiais para o surf.

7. De que forma o surf pode integrar projectos de engenharia costeira e políticas de protecção da orla costeira?

As obras costeiras deveriam ter múltiplos fins, e o desenvolvimento do surf deveria ser um deles. Uma obra costeira com um fim apenas, seja a protecção costeira ou um port por exemplo, é potencialmente um mau investimento.

8. Quais os benefícios da construção de recifes artificiais? Actualmente existe alguma em Portugal?

Os benefícios podem ser, se forem bem projectados: o melhoramento do surf, a protecção costeira e a criação de novos habitats naturais. Em Portugal existe apenas um projecto, não executado, em São Pedro do Estoril.

9. Considera que o surf pode promover o desenvolvimento sustentável de uma região?

Sim, considero.

10. Na sua opinião os eventos podem incorporar preocupações ambientais?

Sim, os eventos costeiros podem e devem sempre ter um guia de boas práticas ambientais.

11. Considera que Portugal poderia ser um destino de surf?

Sim, Portugal já é um destino de surf, e pode ser o principal da Europa.

12. O que falta para que os desportos náuticos, particularmente o surf seja entendido como uma mais-valia para o turismo de Portugal?

O surf já é uma mais-valia. Para ser maximizada, é necessário proteger o ambiente costeiro, recuperar as muitas ondas perdidas e danificadas, ordenar a costa incluindo as escolas de surf, e promover na Europa que a nossa costa é um gigantesco parque natural.

13. Sendo um dos objectivos a criação de patrimónios nacionais de surf, como encara o apoio por parte do Turismo de Portugal?

O turismo de Portugal pode ainda apoiar mais, caso tenha meios para apoiar os parques naturais costeiros, e a Reserva Mundial de Surf da Ericeira. É importante que os visitantes sintam, quando chegam à nossa costa, que estão num parque natural público. Se o sentirem estarão dispostos a pagar bem mais pelos serviços turísticos.

14. Na sua opinião que benefícios traria o desenvolvimento da criação de um plano estratégico nacional de surf?

O plano estratégico é muito simples e está descrito na resposta à questão 12.

15. Quais as mais-valias de uma Reserva Mundial de Surf?

Uma Reserva Mundial de Surf em primeiro lugar reconhece a qualidade das ondas e protege-as. Em segundo lugar leva os turistas a aceitarem pagar bem mais pelos serviços turísticos, mas também leva-os a esperar qualidade ambiental.

16. Ao nível da candidatura da Ericeira a Reserva Mundial de Surf, que outras regiões nacionais têm tal potencial?

Ao longo de toda a nossa costa há regiões costeiras com ondas de grande qualidade. É importante que a essas regiões preservem o ambiente, a natureza e a paisagem. O que eu gostaria é que o nosso domínio público marítimo fosse todo ele uma reserva natural de surf.

17. Como avalia a aposta do surf em Peniche, suportado pela marca Peniche Capital da Onda?

Peniche já é um pólo importante do surf nacional e mundial. Esperemos que sirva de exemplo para que o valor do surf seja reconhecido, e que as praias e as ondas seja preservadas, noutras regiões de grande potencial mas onde o surf ainda está no início.

18. Que entidades nacionais seriam essenciais para apoiar a SOS? Como pretende obter esse apoio/reconhecimento?

A SOS apenas tem sido apoiada pelos surfistas e suas associações. O que é importante não é apoiar a SOS, mas sim levar a nossa mensagem sobre o desenvolvimento sustentável por oposição à perda de ondas ao estado português. Nesse sentido estamos a contactar os organismos estatais relevantes.

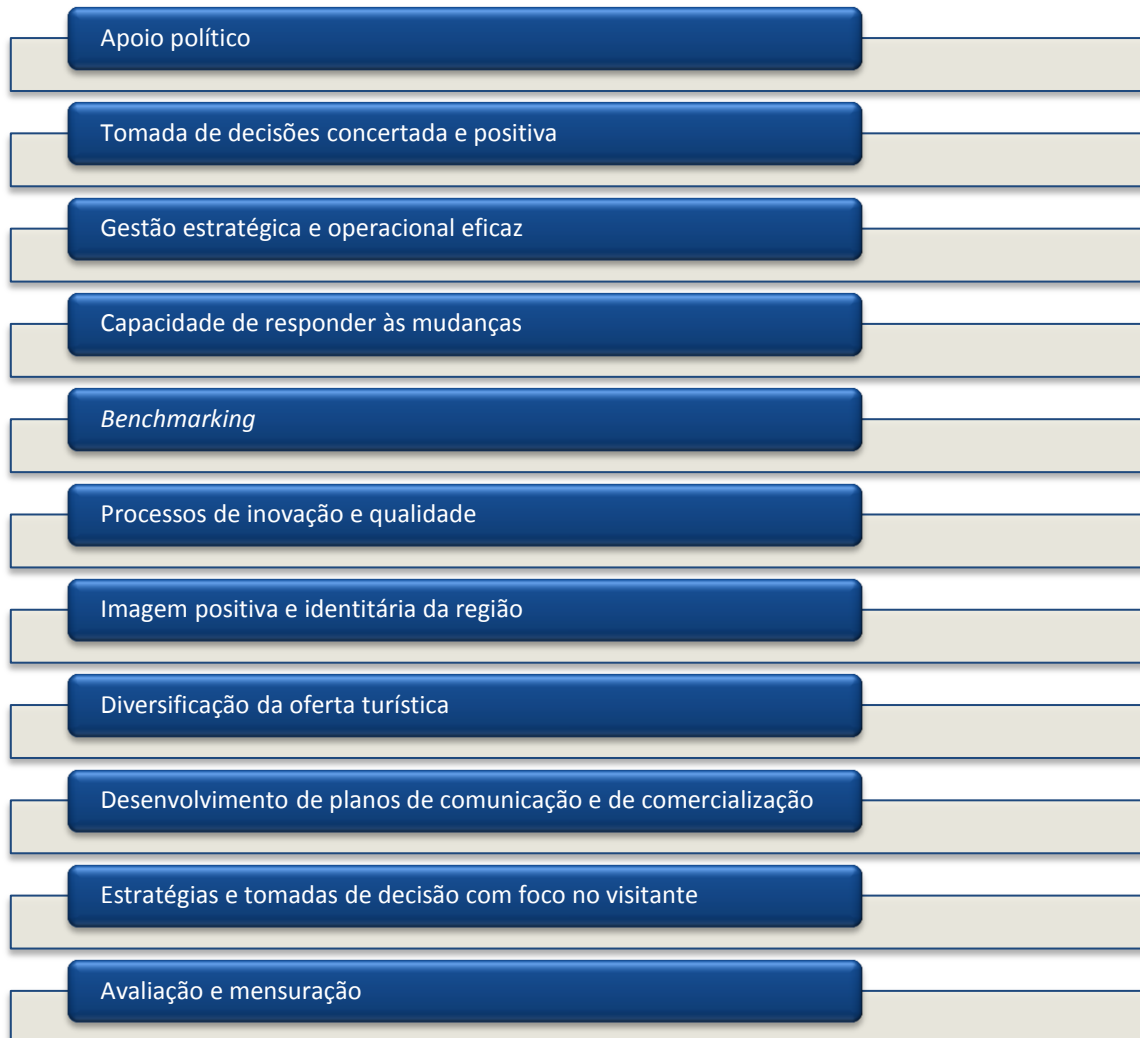
19. O que a SOS planeia fazer quanto à sensibilização e educação da população para o surf?

O que podemos fazer é periodicamente, nas acções da SOS, esclarecer o público que se interessa pela costa portuguesa sobre a destruição de praias e ondas, e sobre as soluções que a SOS preconiza.

20. Quais os principais objectivos da SOS para 2011?

Para 2011 vamos prosseguir com o salvamento de ondas, vamos continuar com estudos e campanhas que valorizem o surf e assim sirvam de prevenção para evitar a destruição das nossas praias e ondas. E vamos reforçar a estrutura e a equipa da SOS pois sabemos que podemos fazer a diferença para preservar a nossa costa e ajudar a melhorar o nosso País.

Anexo XXXI Factores Críticos de Sucesso



Fonte: Elaboração própria